

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

JULIA CRISTINA ABRAMI RANGEL

**REDESCOBRINDO O CENTRO DE SÃO PAULO:
PROPOSTA DE ESTUDO DO MEIO PARA O ENSINO BÁSICO**

Ourinhos – SP

2017

JULIA CRISTINA ABRAMI RANGEL

REDESCOBRINDO O CENTRO DE SÃO PAULO:
PROPOSTA DE ESTUDO DO MEIO PARA O ENSINO BÁSICO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora do
Campus Experimental de Ourinhos, da
Universidade Estadual Paulista –
UNESP, para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Ourinhos – SP

2017

Banca Examinadora

Prof. Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Prof. Dr. Ari da Silva Fonseca Filho

Prof. Ms. Mariane Revagio Catelli

AGRADECIMENTOS

Durante nosso processo de crescimento e amadurecimento na vida, uma série de fatores podem nos influenciar e determinar o que seremos e como seremos. De acordo Sirius Black, “O mundo não se divide em pessoas boas e más. Todos temos luz e trevas dentro de nós. O que importa é o lado o qual decidimos agir, isso é o que realmente somos!”. Embora caiba a nos mesmos decidir como direcionaremos nossa luz e nossa treva, são as memórias e ensinamentos dessa nossa caminhada que determinam nossas escolhas, e são dessas escolhas que mais aprendizagens são geradas.

Das frases típicas que ouvimos dos pais, a de que eles ensinam com amor e que a vida não vai ser tão gentil assim está entre as mais citadas. É por todo esse amor e ensinamento que agradeço aos meus, afinal, sem o incentivo, dedicação e sua fé em mim, talvez nem tivesse terminado o primeiro semestre da Geografia. A minha mãe que sempre me ensinou os valores da vida e de como podemos dar a volta por cima em qualquer situação, independente da rasteira que tentarem nos dar. Ao meu pai, a bolsa mais presente que nunca atrasou nem sofreu cortes durante toda a graduação, pela sua luta diária e por me mostrar que existem outras maneiras de enxergar o mundo e viver a vida, mesmo diante de todas as limitações. A Clara, por me ensinar que sim, podemos encontrar a felicidade nas horas mais sombrias se nos lembrarmos de acender a luz. (Desculpa Dumbledore, mas eu não acreditava muito em você.).

Agradeço ainda a minha tia e a meu primo, que sempre me abrigaram, e muitas vezes acompanharam, durante os campos e idas a São Paulo. Ainda no quesito abrigo, a Leda, Victoria e Cadriê, que sempre que necessário disponibilizaram cama, cozinha e banheiro em Ourinhos, sendo estes de extrema importância para a conclusão deste trabalho. Obrigada!

Peter Pan não queria crescer, e eu entendo. Quem quer virar adulto e ter que entrar na faculdade? A academia é dura, e muitas vezes te suga para um buraco fundo cheio de madrugadas intermináveis e doses de cafeínas não suficientes para te livrar do sono. São tantas implicâncias e aborrecimentos, tantos textos e resenhas que nos deixam perdidos e em limites insustentáveis que, render-se ao desespero parece a solução mais fácil. Ainda bem que existem pessoas do lado de cá que servem de apoio e sustento, quando nem você acredita mais em si mesmo. Quero agradecer a todos os professores que de alguma maneira contribuíram para minha formação, indo além das disciplinas e livros, mas de integridade e fortalecimento, que foram parceiros, de lutas,

trabalhos e fofocas, afinal os corredores da UNESP-Ourinhos guardam segredos que nunca devem ser revelados.

Devo admitir que durante minha trajetória acadêmica tive um número maior de orientadores do que o normal, mas cada um foi responsável por uma etapa dentro da construção do meu perfil acadêmico e profissional, atendendo a uma aluna em processo de aprendizagem e busca, obrigada pela paciência. Em especial, agradeço a Prof^a Dr^a Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (é um nome bem grande e quase sempre eu errava a ordem, desculpa), por todo o suporte nos últimos anos, desde sua orientação no trabalho de conclusão de curso, até as monitorias de cartografia escolar, o PIBID e as demais sofrências que dividimos. Este trabalho não teria sido concluído sem sua predisposição a me ensinar e sua paciência em ler todas as páginas e voltas que eu escrevia. Sua dedicação e preocupação com todos são qualidades que busco agregar para a minha vida, bem como seu apreço pela educação e pela UNESP-Ourinhos, que a força continue com você.

“Não tenha pena dos mortos. Tenha pena dos vivos, e acima de tudo, daqueles que vivem sem amor.”, poderia dizer que todos os agradecimentos são norteados pelo amparo, confiança e estima por mim, mas devo um especial a quem sempre foi firme, confiante e sereno quando teve que lidar com a minha inconstância na cidade do ouro. A passagem por Ourinhos não teria sido tão significativa e profunda sem você, agradeço a sua amizade e a toda confiança que depositou e deposita em mim diariamente, que essa experiência tenha sido agregadora para ambos e que possamos continuar nossa caminhada juntos a partir daqui. Obrigada por tudo Victor Favarin.

Agradeço ainda a todos que de alguma maneira me ajudaram a aguentar os cinco anos em Ourinhos, sejam aqui ou à distância, citar todos os nomes acrescentaria mais algumas páginas as várias aqui anexadas, mas sou grata a todos.

RESUMO

Buscando realizar uma ressignificação no olhar do estudante do ensino básico, a seguinte pesquisa vem com o intuito de, apoiar-se no estudo do meio para incentivar e atrair os estudantes a curiosidade, desenvolvendo sua sensibilidade em razão do mundo e suas concepções, aumentando sua correlação e compreensão com o todo. Para a conclusão deste como objetivo central da monografia aqui apresentada, buscamos o uso das práticas em campo como extensão curricular do ensino em sala de aula, para relacionar os assuntos tratados na educação básica com os pontos trabalhados em campo, sendo este então necessário para conferir o caráter educativo, promovendo o reconhecimento da realidade e alavancando a formação do aluno. Questões ambientais, políticas, sociais e econômicas se sobrepõe e criam possibilidades infinitas de estudo da Geografia, entre elas os aspectos relacionados aos espaços turísticos ganham destaque neste projeto por entender que estes espaços representam ótimas oportunidades de, no campo, instigarem a análise geográfica por parte dos estudantes. Utilizando-se como recorte espacial o Centro Velho de São Paulo, iremos então compreender suas simbologias e lutas, reconhecendo as alterações no espaço urbano, o uso turístico e as contradições deste, proporcionando aos estudantes a possibilidade de observar, registrar, comparar e analisar temas comumente tratados em sala de aula e os perceber com a realidade vivida e a interdisciplinaridade que este nos apresenta.

Palavras-Chave: Trabalho de Campo; Educação; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Seeking out a new intention for the look of students, this research make use the milieu analysis to encourage and attract students to curiosity, develop their sensitivity on the basis of the world and its concepts, increase their correlation and understanding the whole. For the conclusion of this as a central project, we seek as field practices, as a curricular extension of teaching in the classroom, to relate the essential subjects in the basic area to the field work points, which is necessary to check the character educational, promoting the recognition of reality and leveraging the students. Environmental, political, social and economic issues overlap and create infinite possibilities of the study of Geography, among which are related to the tourist areas gain prominence in the project because of the understanding that they are the same represent excellent opportunities in the field to instigate a geographic analysis by the students. Using as a spatial clipping the Old Center of São Paulo, we will then, its symbologies and struggles, recognizing in the urban space, the tourist use and it's contradictions, offering the possibility to observe, register, compare and analyze themes commonly treated in the classroom and to perceive them with the lived reality and the interdisciplinarity that it's present.

Keywords: Milieu Analysis; Education; Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa turístico da cidade de São Paulo	34
Figura 2 – Teatro Municipal.....	44
Figura 3 – Salão Principal	44
Figura 4 - Salão Superior.....	444
Figura 5 - Níveis dos Camarotes.....	48
Figura 6 - Salão dos Arcos.....	488
Figura 7 - Entrada de Ventilação.....	488
Figura 8 – Fachada do Edifício Martinelli.....	49
Figura 9 – Parte Térrea do Edifício Martinelli.....	49
Figura 10 – Mosteiro São Bento.....	53
Figura 11 – Faculdade São Bento.....	53
Figura 12 – Pateo do Collégio.....	56
Figura 13 – Parede de Construção Original.....	57
Figura 14 – Maquete do Planalto de Piratininga.....	58
Figura 15 – Solar da Marquesa de Santos.....	62
Figura 16 – Estrutura de Pau a Pique visível no Solar.....	62
Figura 17 – Beco do Pinto.....	63
Figura 18 - Entrada do Beco do Pinto.....	63
Figura 19 – Catedral da Sé	70
Figura 20 – Marco Zero de São Paulo.....	70
Figura 21- Cripta da Catedral.....	71
Figura 22 – Altar Capela do Santíssimo.....	72
Figura 23 – Garças nos pilares da Catedral.....	72
Figura 24 – Tucanos nos pilares da Catedral.....	72
Figura 25 –Arco da Porta Principal.....	72
Figura 26 – Vitral da Catedral.....	74
Figura 27 – Mapa do Roteiro Turístico.....	79

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	12
3. ESTUDO DO MEIO E TURISMO: UMA CONVERSA POSSÍVEL.....	18
3.1 O TRABALHO DE CAMPO E O ESTUDO DO MEIO NA AULA DE GEOGRAFIA.	18
3.2. TURISMO E ESTUDO DO MEIO.....	28
3.3 O ESTUDO DO MEIO E A REALIDADE NA EDUCAÇÃO.....	33
4. SÃO PAULO COMO TEMA DE ESTUDO.....	37
4.1. PONTOS SELECIONADOS PARA O ESTUDO.....	42
4.1.1 Teatro Municipal.....	43
a) Contextualização histórico-geográfica.....	43
b) Sugestão de Abordagens.....	46
4.1.2. Edifício Martinelli.....	48
a) Contextualização histórico-geográfica.....	48
b) Sugestões de Abordagens.....	50
4.1.3. Mosteiro São Bento.....	52
a) Contextualização histórico-geográfica.....	52
4.1.4. Pateo do Collégio.....	54
a) Contextualização histórico-geográfica.....	54
b) Sugestão de Abordagens.....	56
4.1.5 Solar da Marquesa de Santos e Beco Do Pinto.....	61
a) Contextualização histórico-geográfica.....	61
b) Sugestão de Abordagens.....	64
4.1.6. Catedral da Sé.....	65
a) Contextualização histórico-geográfica.....	65
b) Sugestão de Abordagens.....	70
5. CADERNO DE CAMPO.....	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
8. APÊNDICE.....	87
ANEXO I.....	111
ANEXO II.....	112

1. APRESENTAÇÃO

As discussões e dados aqui apresentados, são resultado de uma pesquisa realizada no período de dois anos. Chegar ao molde a qual foi desenvolvida foi um desafio, pois a mesma vinha como adaptação de um projeto desenvolvido anteriormente, onde se analisava as relações espaciais e formação territorial, influenciadas pela prática turística, usando como recorte geográfico as localidades representadas em clássicos literários brasileiros. Após a sua conclusão, um novo olhar foi dado às perspectivas turísticas.

Diante de um curso de licenciatura, bem como a minha participação em programas de extensão e no Programa de Iniciação a Docência (PIBID), as discussões e reflexões sobre as metodologias de ensino e sua aplicabilidade dentro das escolas e sua efetividade no processo de aprendizagem do aluno eram constantes, sendo assim, uma outra possibilidade de explorar os levantamentos turísticos que foram realizados anteriormente, associando este as práticas pedagógicas existentes, ressaltando o estudo do meio e o trabalho de campo foram levantadas.

Estes ainda estão atrelados à realidade do câmpus de formação, onde a demanda pelo empirismo é considerada por muitos marginal, sendo pouco significativa para a educação e um gasto dispensável para o estudante, desconsiderando toda a consolidação e exploração da realidade e dos espaços estudados para com o conhecimento acadêmico.

Buscou-se então, associar a demanda pelo estudo do meio, uma prática de ensino que busca organizar a aproximação e representação da realidade, exemplificando aos alunos além da teoria, mas também as potencialidades de cada espaço estudado, bem como a ida a campo, que permite o contato direto com as dinâmicas e intervenções.

A monografia teve como propósito primeiramente, compreender as dificuldades encontradas dentro do sistema educacional e da prática pedagógica, buscando reconhecer quais eram os empecilhos e as motivações que tornavam o estudo do meio e o trabalho de campo, como uma alternativa ao sistema de ensino arcaico e em decadência. Reconhecendo estes pontos, temos ciência de que apontar o problema não sugere nada, apenas ressalta o que já sabemos. Entretanto, buscar impulsionar a aplicação desta metodologia dentro da sala de aula, será o diferencial. Assim, desenvolveu-se um roteiro turístico para trabalho de campo, usando-se da

metodologia do estudo do meio para sua contextualização e elaboração, e dos conhecimentos prévios turísticos para selecionar a relação de lugares que seriam observados, tendo neles além do atrativo, sua importância geográfica, histórica e social, podendo ser inseridos dentro dos currículos escolares e da interdisciplinaridade proposta pelo estudo do meio.

A escolha pela cidade de São Paulo irá se dar para além das representatividades econômicas e políticas desta no país, mas também na centralidade e facilidade de deslocamento e aproximação da mesma, bem como já ser objeto de estudo de diversos autores, tendo em seu material bibliográfico uma extensão de informações e dados que auxiliam na concretização da pesquisa. A afetividade existente ainda entre a autora e sua orientadora pela cidade, é outro fator que irá determinar sua escolha.

Resultante do processo de revisão bibliográfica sobre as concepções pedagógicas, o ensino de Geografia, o histórico e a formação de São Paulo, obteve-se o Caderno de Campo, onde através de um roteiro turístico, foram recomendados temas e abordagens para os currículos escolares, abrangendo conceitos geográficos e interdisciplinares. O Caderno procura ser um norteador para os professores que veem nesta prática uma alternativa ao ensino padronizado e apostam em suas particularidades para atingirem o propósito da educação básica.

2. INTRODUÇÃO

A realização do Trabalho de Conclusão de Curso representa, dentro do curso de Geografia, a finalização de um ciclo de experiências e aspirações, onde através da pesquisa busca-se compreender relações e aspectos do mundo e sua realidade, contribuindo dentro de sua formação, para uma nova perspectiva acerca de práticas e conceitos. O trabalho aqui apresentado optou por desenvolver uma pesquisa pautada nas relações e práticas de ensino, usando como base a metodologia do estudo do meio, sendo referência os estudos realizados pela Prof^a Nidia Pontuschka, que busca o cotidiano e a vivência para aproximar os estudantes dos conteúdos aplicados em sala de aula, associando este ao uso dos lugares turísticos, mostrando a potencialidade que cada um possui dentro dos conceitos da educação básica. Tal propósito surgiu como forma de debater a prática do trabalho de campo e estudo do meio tão marginalizada dentro da academia, onde alguns profissionais sugerem que a mesma não agrega significados, e se desenvolve apenas como turismo para os universitários. Buscando controverter esta ideia, decidimos então atrelar ambos os segmentos, afinal tanto o estudo do meio quanto o turismo, crescem nas interpretações dentro dos mais distintos cursos superiores, bem como apresentam habilidade para o processo de ensino e aprendizagem.

Mumford (1965) nos diz que mais do que os documentos escritos e suas derivações, o próprio espaço que estamos estudando é que pode realmente nos apresentar sua história, suas simbologias e suas intencionalidades. Não há qualquer documento descritivo que irá substituir o conhecimento que podemos agregar ao reconhecer e ler um espaço através de seus monumentos, objetos, prédios, suas ruas, igrejas e todos os outros aspectos que o compõe diante da complexidade de suas interações. A realização de uma imersão e um envolvimento seria capaz de apresentar ao ser pesquisador o conjunto do lugar, deixando que este penetre nos sentidos, destacando não apenas o visual, mas sim através de todas as sensações, sendo elas agradáveis ou não, introduzindo-o a realidade e a compreensão das realizações do espaço a ser estudado.

Como proposta para nortear o estudante a realização do estudo do meio, compreendemos a importância de se aproximar do aluno e conduzi-lo a uma apropriação da realidade, promovendo o seu reconhecimento dentro das ocorrências de seu cotidiano. Para associar essas relações com o sistema educativo, buscamos

utilizar o que chamamos de estudo do meio, uma metodologia que além de garantir o contato direto com a realidade e expor a relevância e aprendizagem dos conteúdos básicos trabalhados em sala, irá ainda desenvolver no aluno um olhar crítico, não reservado apenas as áreas apresentadas durante o trabalho de campo, mas sim, durante suas experiências diárias, proporcionando este a manter constância em seu processo de conhecimento. Logo, essas práticas em campo, como extensão curricular do ensino em sala de aula, devem ser planejadas e objetivadas com antecedência, buscando relacionar os assuntos tratados na educação básica com os pontos trabalhados em campo, sendo este então necessário para conferir o caráter educativo, promovendo o reconhecimento da realidade e alavancando a formação do aluno.

Desbravar um espaço com propósito de interpretar suas intimidades em busca de crescimento de conhecimento e saberes torna-se um dos pontos reguladores do estudo do meio. O reconhecimento espacial nos leva a emancipação intelectual, nos aproximando e nos forçando a correlacionar nossos conhecimentos para com a realidade ao qual estamos sendo expostos. Através do estudo do meio, somos capazes de compreender abrangentemente o processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo um olhar crítico, reconhecendo os diversos conhecimentos que nos são apresentados dentro das propostas curriculares e, ao mesmo tempo, lançar-se à possibilidade da produção de novos conhecimentos e a elaboração contínua do currículo escolar.

A Geografia, por exemplo, é uma ciência que permite a reflexão sobre a dinâmica espacial em seus mais diversos aspectos, questões ambientais, políticas, sociais e econômicas se sobrepõem e criam possibilidades infinitas de estudo na disciplina. Trabalhando com características físicas passadas que são espelho das relações existentes, escala de atividades industriais ou econômicas, de tamanho e proporção, bem como as relações sociais, diversidade e conflitos, trazem na realidade e no aprendizado empírico, a afirmação do conteúdo programático desenvolvido em sala de aula. Concepções de análises espaciais através da influência de aspectos arquitetônicos, expansões e representações territoriais, bem como dinâmicas econômicas, acabam por criar espaços geográficos, que devido suas peculiaridades e histórico, acabam por atrair pessoas que, se deslocam de suas áreas de origem para buscar o conhecimento e reconhecimento desses aspectos e alterações, gerando os espaços turísticos.

A apropriação desses espaços pela prática pedagógica ira ser um fator agregados ao estudo do meio, e sobre tudo, ao trabalho de campo. Como proposta e objetivo temos a apropriação de espaços turísticos para o ensino de Geografia, sendo uma alternativa de ressignificar o olhar do aluno acerca do espaço, auxiliando para a compreensão direta da realidade e de seu desenvolvimento. Busca-se então discutir as formas de olhar o espaço, ultrapassando o olhar turístico e de telespectador, para participante/atuante deste. Sendo assim, um levantamento geográfico e turístico de São Paulo teria como intuito buscar relacionar os temas apresentados para com o ensino regular, tendo como propósito final moldar um roteiro turístico e um caderno de campo com abordagem interdisciplinar, aplicando uma metodologia pedagógica e englobando seus pontos turísticos e potencialidades.

O foco de estudo e análise pautou-se nas relações turísticas de um espaço e como essas representações são capazes de promover e instigar a curiosidade do estudante dentro da sala de aula, usando este como base para discussão, e como este processo se integra a uma cidade que é referência em todo o país, portadora de grande desenvolvimento, com processos de urbanização e industrialização fortemente marcados, mas que ainda apresentam, em sua paisagem, construções históricas que possuem grande simbologia para a cidade. A cidade paulista para o turista ver difere-se daquela que é consumida pelos seus moradores, difere-se ainda os olhares e funções designadas pelas estruturas e lugares, além de compreender uma relação de territorialidade e pertencimento (TUAN, 2012), mostrando as multi opções de olhares por estes espaços. Compreender essas relações diante do desenvolvimento da cidade, e as conexões entre o estudo do meio e a prática turística cabe ao profissional da educação onde, os momentos de preparação e finalidade do mesmo sejam desenvolvidos, evidenciando seus resultados e conclusão, alcançando o objetivo. No estudo do meio, o aluno expressa o desejo de compreender o espaço do qual faz parte ou os espaços mais distantes, que aguçam o seu desejo de conhecer. É partindo de referências que estão sendo construídas no processo de apreensão daquela realidade, fazendo comparações, que o jovem vai conseguir essa compreensão. O contato direto com um local, seja da realidade do aluno, seja de outras realidades, e a reflexão sobre ele, permitem que se formem referenciais para entender que o meio não é estático, é dinâmico. (PONTUSCHKA, 2004, p. 261).

O objetivo da monografia centra-se no reconhecimento das potencialidades educacionais dos lugares turísticos, discutindo sua ressignificação diante do olhar do aluno, tendo este, no seu contato com a realidade, uma exemplificação da teoria trabalhada. Sendo assim, destacamos lugares apropriados pela prática turística, mas que apresentam simbologias materiais e imateriais capazes de ser exploradas dentro do processo educacional. Além de ser propósito direcionar o olhar deste estudante, através da elaboração do protótipo do caderno de campo, buscamos proporcionar sugestões de abordagens para os profissionais da educação, para que estes tenham em que se apoiar durante o desenvolvimento tanto do estudo do meio quanto no trabalho de campo.

Sendo assim, apresentamos as discussões sobre a interdisciplinaridade que o estudo do meio e trabalho de campo apresentam, correlacionando os aspectos geográficos, históricos e turísticos afim de atender a demanda pedagógica do ensino regular e a partir daí, discutir especificamente os lugares de destaque do Centro Histórico de São Paulo e sua utilização no ensino.

Como finalidade então, busca-se promover através desta pesquisa a utilização de espaços turísticos para o ensino de geografia a partir do estudo do meio, sendo uma alternativa de ressignificar o olhar do aluno acerca do espaço, auxiliando para a compreensão direta da realidade e de seu desenvolvimento, redirecionamos então as formas de olhar o espaço, ultrapassando o olhar turístico e de telespectador, para participante/atuante deste. Sendo assim, o levantamento geográfico e turístico de São Paulo teve como intuito buscar relacionar os temas apresentados para com o ensino regular, tendo como resultado o roteiro turístico aqui proposto voltado para o ensino de Geografia no centro histórico da cidade, em uma abordagem interdisciplinar, aplicando uma metodologia pedagógica englobando seus pontos turísticos. Sem deixar de analisar ainda a potencialidade da utilização deste meio de ensino dentro das escolas, destacando vantagens e desvantagens, bem como o eixo turismo e estudo do meio como prática pedagógica.

Por meio das indagações geradas pelas composições do estudo do meio e da prática turística, foram realizadas além do levantamento bibliográfico e do fundamento teórico desenvolvido nos últimos meses, trabalhos de campo que buscaram reconhecer as áreas de estudo propostas, tendo em vista que o produto final

da pesquisa aqui apresentada tem como intuito tornar-se base para professores do ensino regular e para as aulas de Geografia.

Para conseguir compreender toda a discussão proposta acerca da prática do estudo do meio, realizamos primeiramente um levantamento bibliográfico sobre as práticas de ensino que vem sendo desenvolvidas dentro das instituições de ensino, para que assim possamos refletir sobre as relações que estamos tendo com nossos alunos durante o processo de aprendizagem, para posteriormente poder compreender como estudo do meio e o trabalho de campo poderiam nos auxiliar. Seguido então de uma análise dos autores que discutem a prática de estudo do meio, para entender toda a sua estrutura e como ela se solidifica, assim como os procedimentos que devemos desenvolver para que ele seja efetivo, e finalizamos o primeiro capítulo ainda levantando as questões da interdisciplinaridade que auxilia o aluno na compreensão do mundo como o todo, distanciando das fragmentações que são propostas na disciplina e nos currículos desenvolvidos atualmente, tendo no estudo do meio, um forte aliado.

O segundo capítulo irá realizar uma breve explicação sobre o desenvolvimento da cidade de São Paulo e sobre as políticas de planejamento urbano que foram aplicadas na cidade durante os anos de sua consolidação, buscando nos aproximar das aplicações históricas e geográficas que contribuíram para a formação territorial da cidade, assim como suas condições econômicas, sociais e políticas, que perpetuam até hoje e refletem na dinâmica da cidade. Aplicaremos a seguir uma contextualização de cada ponto que é levantado dentro do roteiro turístico pedagógico aqui proposto, destacando os períodos de sua fundação, os fatores que contribuíram para seu progresso e quais as relações que estes tiveram com a formação e construção de São Paulo. Assim como apresenta uma perspectiva sobre as visitas guiadas que ocorrem nesses espaços e como elas podem ajudar no propósito do campo e sobre tudo, na pesquisa aqui discutida.

Como o objetivo se encontra em estruturar um trabalho de campo utilizando pontos turísticos da cidade como suporte para a aplicação de conteúdos dentro da sala de aula, assim como uma descrição das visitas, ainda se discute a potencialidade que cada espaço possui no levantamento de discussões relacionadas a temas desenvolvidos no ensino básico, sobre tudo a uma faixa etária que inclui a segunda etapa do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

O terceiro capítulo apresenta um protótipo do caderno de campo que foi desenvolvido durante o estudo teórico e as idas a campo realizadas pela pesquisadora. Os levantamentos apontados buscam agregar uma série de impressões que são adquiridas durante a caminhada no centro histórico de São Paulo, possibilitando ao aluno não apenas a compreensão conceitual ou teórica do que vê, mas sim das significações e intenções por trás de cada imóvel, ressignificando seu olhar perante seu meio, buscando conhecer e reconhecer seu percurso e trajetória, quais sua afetividade com o espaço que esta inserido e como apropria-se e é apropriado por ele.

O capítulo seguinte trará os resultados e questionamentos que o desenvolvimento da pesquisa promoveu, tal como as aplicações e viabilidade do roteiro elaborado, usando como apreciação a opinião de alguns discentes das instituições públicas de ensino. Ainda apresenta as conclusões alcançadas com o campo que foi realizado posteriormente à construção do roteiro e revisão bibliográfica, usando como suporte o caderno de campo aqui em anexo. As considerações finais nos trazem os aspectos positivos e como esperamos que o trabalho consiga atingir sua finalidade, tendo em vista que o mesmo não foi aplicado em instituições de ensino regular devido às condições de financiamento ao qual ocorreu.

3. ESTUDO DO MEIO E TURISMO: UMA CONVERSA POSSÍVEL

Este capítulo, estruturado em duas partes, busca compreender as discussões e propostas que são desenvolvidas dentro do ensino de Geografia utilizando-se do estudo do meio. Através do levantamento bibliográfico, abordamos as concepções referentes ao uso desta prática para com a realidade do ensino, bem como na estrutura do sistema educacional, e como este tradicionalismo interfere diretamente na capacidade de aprendizagem do aluno e de ensino pelo professor, além de resgatar o propósito da instituição, que vem se perdendo diante do sistema econômico e político atual.

Posteriormente, integramos a prática turística, sondando como esta é utilizada na sala de aula, ou seja, como suas abordagens são trabalhadas nos livros didáticos, refletindo sobre se estes apenas evidenciam lugares turísticos já consagrados, ou se buscam compreender a instalação e influencia dela em um determinado espaço, para seguinte realizarmos um diálogo entre o turismo e o estudo do meio, ressaltando sua integração com o ensino e o trabalho de campo.

3.1 O TRABALHO DE CAMPO E O ESTUDO DO MEIO NA AULA DE GEOGRAFIA

Na educação escolar, e conseqüentemente no ensino de Geografia, é possível identificar uma infinidade de metodologias que são abordadas, buscando conferir aos estudantes uma maior facilidade de compreensão de conteúdo. Entretanto, em grande parte das entidades, as práticas existentes em sala de aula acabam se tornando enfadonhas e indiferentes aos estudantes, como lembra Paulo Freire (1987), no que ele chama de educação bancária, tornando o ensino puramente compelido ao estudante, retrocedendo seu processo de análise e crítica.

Inserida em uma sociedade pós-moderna, a escola esta constantemente em choque com as dimensões aceleradas de transportes e comunicações. Esta, é obrigada a se estruturar em moldes tradicionais, sofrendo assim uma sobrecarga de informações e inovações, possuindo estudantes altamente antenados, mas que são expostos a metodologias de ensino e um trabalho docente despreparado e desprovido de investimentos e condições. "Surge então, uma nova dimensão de crise da precariedade da deterioração da escola." (RIGAL, 2000 apud. NOGUEIRA e SOARES, 2010, p.166) perdendo seu intento social e de cidadania.

Dentro das constituições históricas relacionadas a escola, se atrela ao papel formador que esta possui. Como detentora do conhecimento e propagadora de saberes, a instituição de ensino é responsável pelo sujeito "racional, autônomo e livre" (SOARES, 2002, p. 332), sendo sua obrigação proporcionar a compreensão da complexidade das relações sociais, humanas e naturais, integrando os assuntos e sendo centro de função social. Em relevância a todos os aspectos que regem as dinâmicas atuais, temos a função social escolar corrompida, onde seu papel libertador passa a atender interesses privativos, de controle e unicamente mercadológico. Assim, levando em consideração o sistema no qual nos inserimos, seus objetivos para com a sociedade, bem como suas dimensões de lucro e poder, temos a função escolar diminuída, e o ensino libertador e criador de criticidade do aluno desvinculado dos currículos.

Compreender e estudar Geografia como disciplina escolar indica uma série de conteúdos que abrangem fatores e segmentos ambientais e sociais. A concepção de mundo que a disciplina promove é ampla e perigosa, por isso é trabalhada com grande cautela dentro dos currículos educacionais. Os fenômenos apreciados na Geografia englobam questões sociais, características físico-naturais, econômicas e políticas, indo além de suas particularidades, mas entendendo suas interrelações e influências na configuração e na produção do espaço, refletindo as relações de uma época, seus interesses e demonstrando como desde sempre o conhecimento geográfico dialoga com preferenciais e propensões que irão desenhar as inclinações e progressão de uma sociedade.

A docência de Geografia tem sido prejudicada, além das particularidades sociais e políticas, pela fragmentação que a própria disciplina contém, sua relação pessoal com suas compreensões e significações acabam interferindo nas relações de ensino e como estas se darão, sendo lecionado aos estudantes, uma Geografia que não conversa com sua realidade, adotando uma posição historicista, gerando uma distancialização da abordagem geográfica e esquecendo de aproximar o estudante do meio em que ele vive e de incluí-lo como ser produtor deste meio. De acordo Cavalcanti (2005), reconhecer e analisar a dimensão espacial que o aluno possui, sua ótica das relações e lógicas espaciais no espaço vivido bem como eles interagem e se reconhecem no mesmo, faz com que seja atribuído significados reais ao conteúdo escolar.

O esquecimento funcional da escola e da Geografia gera cidadãos apáticos em relação as interações externas e em suas funções, bem como sujeitos inativos dentro de uma produção espacial. A diminuição do seu pensamento e conhecimento em relação ao seu espaço social, suas experiências e como os aspectos educacionais interagem entre si, servem de propósito a uma sociedade pós-moderna interessada na fragmentação da consciência da totalidade, bem como de seus direitos, funções sociais, dúvida, alienação e insegurança nacional. O desenvolver do cidadão crítico, o suporte teórico necessário ao desenvolver deste aluno ativo, autônomo e consciente, decaem como elementos importantes para uma condição social. Como então buscar incentivar e atrair esses estudantes a curiosidade, desenvolvendo sua sensibilidade em razão ao mundo e suas concepções, retirando de suas análises conceitos pré-datados, onde sejam capazes de aumentar seus níveis de correlação e compreensão do todo?

As discussões acerca da localização e lugar espacial atrelada a uma realidade social se fazem necessárias nas escolas, instigando os estudantes a entender seu lugar na vivência, sua sensação de pertencimento e sua apropriação cultural. A prática do Estudo do Meio retira o aluno das páginas da apostila, mas sem desvinculá-lo de seus conceitos e temas. O reconhecimento do entorno da escola por exemplo, é capaz de promover e compreender relações espaciais que antes só lhes era apresentado por textos ou mapas, mas que se espacializam no exterior dos muros da escola, no caminho para casa ou no centro esportivo que fica a longas distâncias de seu bairro. Por que ali? Quais são os fatores econômicos, políticos e sociais que me levaram até este momento? Instigando e encorajando o desenvolvimento do ser crítico e atuante, sem desvincular da teoria. A prática do estudo do meio deve ser acompanhada, organizada e entendida para que ocorra com efetividade e alcance seus objetivos. Lopes e Pontuschka (2009, p. 174) definem estudo do meio por:

[...] um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores o contato direto com determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. Entende-se, e este é o objetivo deste trabalho, que a realização dos Estudos do Meio, em todos os níveis de ensino, mas particularmente na educação básica, pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de

um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social.

A prática do estudo do meio em todas suas etapas, bem como a importância central do trabalho de campo e sua aproximação com a realidade, são discutidas e analisadas dentro das perspectivas das práticas pedagógicas, buscando incitar a pesquisa, conduzir o aluno e uma observação e reflexão, além de aproximá-lo da realidade e cotidiano, correlacionando os conteúdos mecânicos e abstratos desenhados em apostilas e alguns materiais didáticos para com as dinâmicas em espaços em que ele está inserido, proporcionando a ele refletir e reconhecer estes em seu dia-a-dia. Assim, o estudo do meio passa a reavivar as funções escolares que acabaram saturadas por saberes e profissões sem consciência autônoma, transformando o sujeito passivo para sua socialidade, entendendo as complexidades e sendo construtora da cidadania. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (2006), defende o papel do professor como mediador do conhecimento, desassociar o educador da reprodução automática e da imposição do conhecimento, mas sim do compromisso de promover indagações, fomentar a curiosidade e deixar o aluno encontrar e desenvolver seu eu crítico, mostrando e construindo com ele as bases e as discussões.

Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de "cercar" o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, p. 52, 2007).

Utilizar-se da pesquisa para incitar a prática pedagógica e desenvolver e ampliar seus conhecimentos, afim de garantir novas metodologias de ensino e uma aprendizagem pelos alunos, deve-se buscar saber, ampliar os saberes, tanto dos estudantes como dos professores, assumindo assim o caráter como profissional da educação dentro da instituição de ensino, fortalecendo o estudo do meio, com a necessidade da preparação e do conhecimento preliminar pelo educador, onde sua bagagem educacional, sua trajetória profissional, bem como a pesquisa diante da prática e do ambiente que o cerca, desenvolverá um currículo escolar que irá atender

os critérios do estudo do meio, tendo sustentação através do trabalho de campo, promovendo vínculo entre suas experiências, intenções e indagações. Assim, como no currículo escolar ministrado e desenvolvido dentro das escolas que baseiam suas proposições e conteúdos, bem como a construção de seus saberes, delimitação de assuntos e relevância, em um planejamento inicial que irá definir como e porque o professor irá trabalhar determinado assunto, o Estudo do Meio não deve ser visto como um passeio ou distração. Retirar estudantes da sala de aula através do recurso de trabalho de campo requer a organização e ordenamento dos conteúdos, destacando ainda a interdisciplinalidade que pode se desenvolver através da associação e interações presentes nas disciplinas escolares rompendo com a barreira fragmentadora e interpessoal que as disciplinas escolares são submetidas, requerendo o diálogo entre educadores "e tão somente o planejamento conjunto pode minimizar as fronteiras entre as disciplinas e o consequente parcelamento da aprendizagem do aluno." (CACETE, PAGANELLI e PONTUSCHKA, p. 117, 2007).

Dentro das universidades a prática do trabalho de campo é recorrente e desvinculável, cuja qual pode ocorrer tanto dentro do curso de Geografia, como nos demais. Ela, assim como dentro do ensino básico, promove o olhar da realidade para o estudante. Dentro dos cursos de licenciatura, torna-se ainda mais notável, tendo em vista que esta se encontra como metodologia de ensino, sendo então imprescindível que os estudantes a realizem e compreendam suas especificidades e necessidades antes de aplica-las como docentes. O contato direto com a realidade e todas as análises e certezas que ir a campo nos proporciona, reconhecer a região estudada e confrontar com os conceitos estudados em sala, ajuda na análise integrada e na capacidade de articulação dos materiais já vistos em um momento anterior. O mesmo é ocorrente nas escolas, com o estudo do meio e o trabalho de campo quando organizados previamente, com as atenções direcionadas aos pontos de interesse da disciplina, um roteiro já planejado e uma intervenções orientadas, o professor será capaz de promover ao estudante o seu papel de pesquisador, sendo ele gestor de seu próprio conhecimento.

Com a fragmentação do estudo geográfico já aqui mencionado, o ensino básico passa a ter a influência da mesma, impedindo assim que o aluno consiga ter a visão completa acerca desta ciência e das temáticas abordadas nas aulas.

Podemos assim apreender que através do estudo do meio é possível promover e reintegrar o perfil da Geografia dentro das salas de aula, promovendo através do trabalho de campo, além do contato direto com a região estudada, o levantamento *in loco* das escalas de análise de desenvolvimento, integrando os processos observados e assimilando suas dinâmicas.

Para se desenvolver um estudo utilizando o Meio para vivência requer uma preparação precedente, assim como se deve ser definindo, antes de sua ocorrência, quais serão as questões que deverão ser respondidas durante o mesmo. Esta prática pedagógica apoia-se nas estruturas curriculares que são exigidas dentro da instituição de ensino, retirando, entretanto suas condições pré-determinadas de um ensino e aprendizagem sem pensamento, definidos por circunstâncias que não instigam a construção e constituição do saber, mas sim a resultados e metodologias delineados antes, mas sim em uma proposta de abertura ao processo educacional que necessita de uma investigação preliminar. Devemos entender que este deve ser realizado tanto pelo professor como pelo estudante. Cabe ao orientador do estudo reconhecer e levantar as informações relevantes e quais serão os aspectos destacados e que irão guiar as discussões com os alunos. Tendo esta prática pedagógica como interdisciplinar, os envolvidos devem conjuntamente discutir e analisar as potencialidades locais e como o diálogo entre elas será realizado.

A historicidade do estudo do meio não é recente e nem pouco utilizada dentro do ambiente educacional brasileiro, sendo de conhecimento que muitos autores ajudaram a construir e consolidar esta metodologia. Suas influências e marcas mais fortes começaram a ser notadas a partir de 1960, entretanto já se reconhecia esta prática nas escolas fundadas pelos imigrantes europeus anarquistas, que estimulavam os estudantes, por meio das observações me campo a evoluir seu senso crítico e a dominar a sapiência acerca do entorno em que viviam.

Mais uma vez, diante das contrariedades entre os interesses escolares e os interesses governamentais, a prática acabou por ser minimizada e retirada dos programas e realizações por parte dos educadores, retomando suas atividades em concomitância a Escola Nova, que mesmo sem atingir as instituições de ensino público, passaram a disseminar as ideias e apontamentos levantados pelo Estudo do Meio, apoiados nas discussões levantadas por Sylvia Magaldi (1965), busca-se assim inferir o método para as escolas em todo o país.

O problema das relações ESCOLA e VIDA tem sido colocado, não de hoje, pelos educadores, tanto na Europa quanto na América. Mais de uma vez afirmou-se como verdade pacífica, neste plenário mesmo, o princípio de que ESCOLA É VIDA e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido, não pode continuar a ser um compartimento fechado, pseudo-preparando para a vida, fora da vida. (MAGALDI, 1965, p. 69 apud LOPES e PONTUSCHKA, 2009).

Por buscar fortalecer as relações em todos os segmentos, o estudo do meio foi proibido durante a ditadura militar, só tendo suas praxes retomadas na gestão de Paulo Freire como secretário municipal da Educação em São Paulo, durante os anos de 1989 até 1990, e desde então inúmeras pesquisas e levantamentos acerca da metodologia tem sido levantadas e incorporadas ao currículo escolar.

Além de proporcionar os conhecimentos integrados e o contato com a realidade, o estudo do meio é também um processo de aproximação da comunidade para com a escola, alcançando uma dimensão pública e buscando discutir os problemas encontrados de forma coletiva. Como problema para o estudo do meio e o trabalho de campo, entretanto, temos a forma com a qual sua colocação vem sendo empregada, podendo abranger muitas vezes passeios e excursões escolares, que embora sejam agregadores de saberes, não foram preparados ou não buscam os objetivos e acompanham as propostas dentro do estudo do meio.

Composto por fases, os momentos que irão consolidar o estudo do meio como tal, estão compostas pela formação do estudante e a escolha dos temas e espaços a serem estudados, que irão ser escolhidos conforme a abordagem e interesse propostos, com a definição de uma questão integradora e que irá guiar os passos diante do planejamento e organização. Conforme escolhido o espaço a ser estudado, cabe definir os objetivos, tendo em vista que a amplitude pertencente ao Ensino de Geografia proporciona diferentes saberes dentro de um mesmo espaço. Diante dos levantamentos definidos, deve ser organizado um caderno de campo, podendo ser realizado pelos responsáveis ou ainda integrando os estudantes a sua elaboração, que será responsável por conter o roteiro e as dinâmicas que serão aplicadas durante a saída da sala de aula, direcionando os pensamentos e observações dos alunos aos pontos que irão ser capazes de responder os questionamentos que foram levantados na fase inicial.

Como etapa fundamental, o trabalho de campo será o momento de "submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos." (PONTUSCHKA, LOPES, 2009, p. 186), buscando não romper com o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Serpa (2006), o trabalho de campo em Geografia possibilita revelar as diferentes possibilidades de recortar, analisar e conceituar o espaço, conforme questões, objetivos e métodos definidos pelo pesquisador, não priorizando somente fatores naturais ou humanos, mas sim possibilitando uma leitura ampla do local estudado, contribuindo para a produção do conhecimento geográfico. (MORETO, p. 14, 2016).

O trabalho de campo traz o contato direto com a realidade, atraindo e redirecionando o olhar do estudante através das bases desenvolvidas nos momentos iniciais do estudo do meio, onde o objetivo e os pontos importantes a serem observados foram definidos. Entretanto o contato com a realidade já ocorreu em um momento anterior, logo este vem carregado de concepções e experiências, devendo se considerar todos os seus conhecimentos preliminares e a bagagem popular acerca de seu cotidiano, contato e relação com o ambiente estudado. Já se discute sobre a consideração que o educador deve ter a partir do conhecimento que o discente traz para a aula, buscar compreender as incorporações do cotidiano e sua existência agregam. Cabe ao professor saber direcionar o conceito científico e o conteúdo da aula para com as percepções e visões de mundo, incluindo os saberes socialmente construídos dentro do ambiente escolar, despertando indagações e transmitindo aos alunos o conhecimento através da sua realidade vivida.

As possibilidades geradas e as ideias desdobradas durante o trabalho de campo devem ser discutidas no processo final do estudo do meio, sistematizando os dados recolhidos em campo, com os percorridos em sala. Devem-se atentar para com as interpretações geradas durante o trabalho de campo, estas não estarão isoladas dos pensamentos e convicções, suas observações irão carregar aspectos visuais, auditivos, sensoriais e de acontecimentos, ligando um lugar a uma relação interpessoal, sendo propósito do trabalho de campo ainda, estruturar-se e desenvolver a criatividade do estudante através de seu conhecimento prévio. Cabe ainda ressaltar que juízos irão alterar-se de sujeito para sujeito, onde cada evidência de seu ser social e membro ativo

da comunidade em suas análises, sendo durante a organização dos dados obtidos durante a atividade.

Uma das etapas importantes do estudo do meio é o trabalho de campo - a saída da escola já permite outro modo de olhar. O aluno pode, se bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registros e cotejar as falas de diferentes idades e profissões. (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p.174).

O espaço a ser estudado no trabalho de campo é interativo e mutável, sendo influenciado e espacializado por relações de poder, naturais e sociais, que através de sua dinâmica própria e de entendimento entre seus pontos, passa a articular seus processos e interações. Esta oportunidade interativa da realidade e o relacionamento erigido durante o estudo do meio, nos predispõe a outra qualificação da prática pedagógica para com o currículo que buscamos construir nas escolas. A interdisciplinaridade que busca romper com a compartimentalização do conhecimento é agregada aos valores do estudo do meio proporcionando uma integração curricular e um diálogo entre as disciplinas escolares.

O fundamento da interdisciplinaridade está no diálogo entre os responsáveis pelos ramos do conhecimento, ou seja, nos profissionais (no caso aqui discutido, os professores) de compreender a totalidade e suas particularidades, reconhecendo, entretanto que somente as partes e parcelas desta fragmentação não serão suficientes para resolver problemas e atender objetivos, bem como entender que o diálogo deve existir ainda com as concepções espaço-temporais, articulando passado, presente e futuro.

O professor de uma disciplina específica com uma atitude interdisciplinar abre a possibilidade de ser um professor-pesquisador porque deve selecionar os conteúdos, métodos e técnicas trabalhados em sua disciplina e disponibiliza-los para contribuir com um objeto de estudo em interação com os professores das demais disciplinas. (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p.145).

Quando nos referimos a escola, a criança e sua relação com a interdisciplinaridade, devemos analisar que as articulações necessárias para que estas compreendam a realidade complexa e contraditória, interligando os conteúdos e a

compreensão da realidade, e a sua não fragmentação no real, só pode ser alcançada se a instituição proporcionar tal ligação (LORIERI, 2002). A conversação entre as disciplinas encontrara dificuldades, tendo em vista os seres sociais e a relação que estes irão desenvolver conforme o andar do projeto interdisciplinar, além de um reconhecimento do trabalho docente, do rompimento e reconstrução com a metodologia até então desenvolvida.

Assim como o estudo do meio, a interdisciplinaridade pede uma preparação inicial e de quais serão as questões que irão direcionar o seu estudo. Partindo para a interdisciplinaridade, ocorre à escolha do tema gerador, que será uma construção conjunta dos professores envolvidos e que irá direcionar a construção dos objetivos, das situações diagnosticadas e dos estudos, esta metodologia irá então se acoplar aos serviços individuais de cada disciplina, que irão norteá-lo para suas particularidades. As situações levantadas e sua abrangência irão se relacionar diretamente com a realidade vivencial, logo, atinar o estudo do meio e o trabalho de campo com a interdisciplinaridade é imprescindível, tendo em vista que "a professora, diante de uma situação concreta e vivida pelos alunos e por suas famílias, problematizou e levantou hipóteses." (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p.159), aproximando-os da realidade e os fazendo perceber seu papel na mesma.

A Geografia pode embasar-se na experiência dos alunos no interior do seu grupo social e desenvolver uma prática pedagógica que, partindo da realidade local e levando a visão obtida para o interior da escola, estude os problemas e possibilidades dessa realidade à luz das várias disciplinas escolares, para entender a relação entre seus elementos e proporcionar o conhecimento sobre ela em perspectivas mais amplas e profundas. O conhecimento disciplinar da Geografia, pondo-se à disposição de um projeto de ensino ou de um objetivo maior, articulado interdisciplinarmente, chega a um entendimento enriquecido daquela realidade complexa e contraditória. (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p. 165).

Dos aspectos destacáveis dos materiais didáticos e livros de Geografia, tomamos conhecimento da importância das práticas humanas sobre o ambiente para a configuração do espaço e a formação do território, reconhecendo como cada cultura agrícola, relação econômica e internacionalização reflete no espaço urbano. Porém, o conhecimento turístico acerca do espaço geográfico, sua importância e a dimensão do mesmo se encontra limitado dentro do currículo escolar, utilizado poucas vezes como

experiências e inclusões nas disciplinas, sendo trabalhado apenas como atividade econômica, destacando apenas para os atributos em determinadas regiões do país, sem compreender porque e como se dão. Sendo assim, mesmo numa sociedade que tem aumentado suas relações com os espaços de lazer e recreação, o conhecimento acerca da prática em si, ainda não foi alcançada.

Representações arquitetônicas, obras de arte, monumentos e cidades tornam-se atrativas, com uma esfera capaz de promover tamanha infinidade de experiências e oportunidades, proporcionando a utilização de atrativos turísticos como pontos de estudo, relacionando então ao ensino e estudo do meio as práticas turísticas. Esta prática aproxima seu espectador de realidades e descobrimentos acerca de culturas, histórias e costumes diferentes, irá caber então ao interesse do estudo do meio e do trabalho de campo direcioná-los, buscando atender os objetivos que foram delimitados antes de sua ocorrência, garantindo o caráter educacional do mesmo.

3.2. TURISMO E ESTUDO DO MEIO

A Organização Mundial do Turismo define, a prática turística esta embasada na atividade de locomoção de um viajante, estando este distante de seu local habitual, sendo fragmentada conforme o interesse e demanda, sendo estas constantemente alteradas, tendo em vista suas necessidades e a busca por novas experiências. Ainda em relação a OMT, o Turismo ocorre por um período inferior a um ano, independente da sua finalidade (lazer, negócios, saúde ou outros).

O deslocamento de pessoas pelo espaço é uma prática um tanto quanto antiga da sociedade. Em seus primórdios, essas práticas encontravam-se ligadas a sobrevivência e a atender as necessidades humanas. Com as décadas, os deslocamentos passaram a ter as mais distintas funções, começaram então as de caráter científico, que levavam nobres a realizar estudos e ter concepção da realidade perante alguns conceitos já existentes, até as destinações cujo sentindo era de apreciação de potencialidades naturais. Com o tempo, ocorreu um grande aumento desta prática, com o desenvolvimento dos mecanismos tecnológicos para transporte e informação, houve uma maior propagação deste novo segmento (CRUZ, 2004; CORRÊA, 2007). Como a relação turística esta intimamente relacionada ao espaço e a utilização deste para atender a uma demanda, é incontestável sua influência na produção do mesmo. Ele introduz no espaço objetos que se tornam necessários para

sua realização, assim como se apropria de outros que antes exerciam uma função e agora se associam a esta prática.

Ansarah (2005, p. 294) apresenta que o objetivo deste tipo de turismo é “fazer com que o aluno/ turista tenha contato com a natureza (num conteúdo como, por exemplo, o estudo do espaço), de vivenciar e conhecer espaços novos (conteúdos de sociologia e antropologia)”. Dessa forma, propõe um despertar no aluno para a conscientização de problemas socioculturais e ambientais que vivem muitas comunidades e promover valores construtivos. Busca-se estabelecer, portanto, uma ligação entre a atividade de turismo e a pedagogia, entendendo esta última, como responsável pelos instrumentos utilizados no processo de aprendizagem, objetivando mais qualidade na educação. (BONFIM, 2010, p.123)

Dentro desta compreensão acerca da prática turística, um segmento vem sendo estudado e aperfeiçoado recentemente. A tendência do Turismo Pedagógico se assemelha nas condições apresentadas pelo estudo do meio, sendo considerada prática educativa ocorrente no período letivo, promovendo a interação do indivíduo (aluno) para com o externo. A busca pela estruturação de um turismo voltado para o uso escolar esta pautado nas práticas pedagógicas já discutidas, e da decadência do tradicionalismo dentro da sala de aula, onde aulas expositivas e meramente teóricas não atendem a necessidade e a demanda de ensino de uma nova geração de crianças e jovens.

Quando se considera a relação apresentada entre o Turismo Pedagógico e o Estudo do Meio, compreende-se que ambos são realizados com finalidade educativas, que promovem um diálogo entre conteúdos do currículo escolar e dos locais que serão visitados, logo, todo o processo de análise e elaboração proposto para a realização do estudo do meio, e posteriormente sua fase em trabalho de campo, possuem embasamento e objetivos, que serão desenvolvidos, estudados e implicados numa preparação anterior, realizada pelo professor responsável e sua meta diante dos alunos, promovendo uma significação para as experiências pedagógicas dos estudantes. A utilização do turismo como processo educativo promove ainda um estreitamento da relação aluno/professor/escola/meio, quebrando ainda com os paradigmas e tradicionalismo que estão centrados as relações entre estes agentes.

Utilizar-se do Turismo como método aplicativo ao estudo do meio, ressignifica o olhar do estudante acerca do meio em que vive, e sobre tudo dos pontos turísticos

que consome, seja como atuante da prática ou por esse encontrar-se presente em seu dia-a-dia. Ele passa a entender que aquilo está em um determinado local pois apresenta, ou apresentava, uma finalidade para tal, passando a assimilar o contexto para com o qual este foi construído.

Discutir o Turismo, muitas vezes, se restringe na capacidade de mudança que esta prática pode promover, alterações de paisagens e influência econômica em algumas áreas, quando este é percorrido nas escolas, apresenta a mesma abordagem, explorando a apropriação que este se realiza sobre o espaço, realizando transformações afim de atender sua demanda. Diante das transformações que estamos vivendo, o consumo do espaço por fenômenos da chamada revolução técnico-científico-informacional (SANTOS, 2001), e a construção de seus fixos, que são capazes de representar fisicamente uma condição atual, bem como as chamadas rugosidades (Idem, 1978), são capazes de nos aproximar das relações que eram desenvolvidas no passado, e como seus produtos e pessoas o utilizavam. Além dos aspectos estruturais, um dos novos desafios, e também oportunidades, do ensino em Geografia, é a Globalização e todos os aparatos tecnológicos de comunicação desenvolvidos, onde se é possível entrar em contato com diversas culturas e comunidades através dos sistemas online. Cabe então, a Geografia e a prática turística instigar a necessidade da análise do espaço vivido e as representações do espaço concebido. Aproveitando desta proximidade informacional não apenas para estudos superficiais, mas como, com a evolução das redes de transporte, o Turismo também se intensificou, e como as viabilidades de estudo do meio cresceram com ele.

As divisões do Turismo são compostas através da necessidade do exercício do mesmo. O turismo pedagógico surge entre estas novas divisões, “apresentando como premissas o conhecimento, a vivência, a convivência, o respeito, o aprendizado e o lazer” (BONFIM, 2010, p. 122), compartilhando a ideia de uma educação diferenciada, sendo responsável por apresentar uma visão crítica acerca da realidade.

É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo, enquanto atividade de lazer que serve ao ensino. Portanto, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica. (BONFIM, 2010, p. 123).

A ressignificação acerca do lugar turístico, a proposta de ampliação de olhares através da relação com o ensino, se encaixa na concepção de ir além dos aspectos visíveis, das particularidades enrustidas, na espacialização e intencionalidade do objeto turístico, buscando assim atender os objetivos do estudo do meio e trabalho de campo, associados a uma teoria e a construção do conhecimento pautado na autonomia da formação do educando, no professor como mediador de conhecimento e aproximação com conteúdos teóricos, além da afirmação e compartilhamento com os estudantes que sua condição como aprendiz e da condição inacabada do processo de aprendizagem (FREIRE, 2006).

O turismo interage com todos os segmentos do conhecimento geográfico, desde sua apropriação do espaço até com as relações e dinâmicas que eram desenvolvidas e trabalhadas quando estes, atualmente chamados de lugares turísticos, eram ativos socialmente, apresentavam outras funções em relação ao tempo-espaço aos quais estavam expostos e eram personificação física de algum aspecto relevante para os cidadãos da época.

Assim, todos esses aspectos vêm destacar a importância geográfica e social do turismo. São aspectos ligados à organização do espaço, às atividades humanas e à interação sociedade/natureza, portanto, inter-relações íntimas e profundas. (XAVIER, 2002, p. 65).

A Geografia ao inserir o turismo dentro de suas atividades, deve entender as dimensões que podem ser abordadas utilizando-se dele. Na proposta aqui apresentada, na construção de um roteiro turístico pautado no ensino de Geografia nas escolas, acoplado ao estudo do meio para assimilar conteúdos geográficos presentes nos currículos escolares, procurando reconhecer como essas representações são capazes de promover e instigar a curiosidade do estudante, usando-a como base para discussão, e como este processo se integra as cidades que apresentam, em sua paisagem, construções históricas que possuem grande simbologia para a mesma.

A proposta busca ainda promover um outro aspecto acerca do turismo, A topofilia de Yi-Fu Tuan (2012), que é o reconhecimento e o pertencimento, bem como a vontade de preencher estes espaços, esta relacionada a visão que o estudante possui deste espaço. Entender sua simbologia, sua história e qual o seu papel diante da sociedade, promove ao estudante apropriar-se daquilo, acarretando ainda na

conservação, proteção e representatividade daqueles espaços, que aos poucos passam a ser engolidos pelas condições pós-modernas.

A interpretação do patrimônio e a valorização da paisagem geográfica concomitante com os pontos turísticos irão motivar a uma remodelação e reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem. Xavier (2002) diz que elas devem ser entendidas pelos componentes naturais, construídos, por seus aspectos visíveis e não visíveis, levando o estudante a considerá-lo por sua “descrição, representação e identificação de seu valor”, envolvendo assim a comunidade nas práticas turísticas e na interpretação do patrimônio relacionado à cidadania.

O turismo pedagógico como inovação educacional, em sintonia com os currículos das instituições de ensino, dentro da prática do estudo do meio voltado para o ensino de Geografia é a grande proposta da pesquisa aqui defendida. Utilizando-se do centro antigo da cidade de São Paulo e reconhecendo suas potencialidades, desenvolve-se um roteiro turístico que busca auxiliar e capacitar a formulação da uma aula interdisciplinar, agregando ainda a construção de um caderno de campo, que irá efetivar as discussões que podem ser abordadas dentro desta proposta nas aulas de Geografia. Foram realizados campos de reconhecimento e pesquisas conceituais afim de identificar como as visitas escolares guiadas são realizadas nesses espaços e quais são suas afetividades com conceitos e temas geográficos. O Mapa Turístico desenvolvido por Sérgio Fiori em 2007 (Fig.1) serviu como base para realizar o recorte geográfico e definir os pontos que seriam abordados dentro do Roteiro Turístico e do Caderno de Campo, englobando assim a região do centro histórico de São Paulo, passando por marcos culturais e históricos da cidade como o Mosteiro de São Bento, Teatro Municipal, Edifício Martinelli, o Pateo do Collégio, Solar da Marquesa de Santos e Beco do Pinto e a Catedral da Sé, buscando resgatar sua simbologia histórica, as relações de permanência e mudança do espaço urbano, o uso turístico e as contradições deste espaço dentro do município, proporcionando aos estudantes a possibilidade de observar, registrar, comparar e analisar temas da Geografia comumente tratados em sala de aula, mas que muitas vezes estão isolados da realidade vivida.

A proposta da pesquisa manteve-se pautada no estudo do mapa do Sérgio Fiori (2007), na revisão bibliográfica e em trabalhos de campo realizados durante toda a elaboração do roteiro turístico, buscando entender qual seria a melhor ordem, aspetos

a serem ressaltados e os pontos cabíveis, para assim consolidar o caderno de campo. Este constantemente esteve em discussão, sendo sempre reorganizado e reavaliado para que pudesse efetivamente alcançar seu objetivo dentro da prática do estudo do meio.

O roteiro turístico que está sendo proposto, assim como o caderno de campo foram analisados por professores de Geografia e de outras disciplinas da educação básica, cujos quais buscaram apontar as qualidades e os reparos que deveriam ser feitos no caderno e no roteiro, também discutiram a relevância e as dificuldades que são encontradas na realidade das escolas para o desenvolvimento do ensino do meio, aspectos que serão discutidos no capítulo final.

3.3 O ESTUDO DO MEIO E A REALIDADE NA EDUCAÇÃO

Através do levantamento teórico realizado, podemos perceber que o sistema de ensino vigente enfrenta problemáticas que variam desde a infraestrutura oferecida pelas instituições, a importância que é dada pelos órgãos governamentais, a formação de professores e desinteresse pelos estudantes, encontram-se ainda distante de sua função social, marginalizando a escola e a deixando obsoleta diante de um mundo globalizado e dinâmico.

Estagnado no tempo, o sistema educacional sucumbi cada dia mais as pressões que lhe são atribuídas e, mesmo com a busca por novas metodologias de ensino e novas práticas educacionais para atrair a atenção dos alunos, a iniciativa de alguns profissionais é ofuscado pelo cansaço e falta de incentivo de outros.

Dentre os objetivos específicos desta monografia, encontrava-se inicialmente, a aplicação e discussão do roteiro pedagógico para os alunos e professores da rede pública de educação, entretanto distintos fatores nos forçaram a alterar os planos e, através de um questionário online, realizamos um levantamento com profissionais que exercem atividade na educação, afim de compreender suas ideias e opiniões sobre a realização do estudo do meio e trabalho de campo, buscando aproximar suas experiências com a prática a teoria abordada, bem como apresentar a estes, de maneira resumida, nossa proposta e pontos abordados.

Utilizando-se da plataforma do google, um formulário com algumas questões (Anexo I) foi direcionado aos professores, sendo estes funcionários da prefeitura de São Paulo e do Estado de São Paulo. Não houveram distinções acerca das disciplinas

que estes lecionavam para compreender suas relações com a prática, englobando assim todas as áreas de atuação. Pode-se assim perceber que a grande parte reconhece e faz uso do estudo do meio, mesmo que de maneira limitada e que, muitas vezes, a continuidade da prática de ensino se vê privada pela falta de apoio da coordenação escolar e dos professores, sendo que em muitas vezes estes são realizadas por apenas dois docentes.

Outras dificuldades apontadas foram às questões a serem levantadas para as atividades no campo, pois assim como os estudantes, muitos professores ficam frenéticos pelo cumprimento de conteúdo e material didático que acabam limitando seu olhar sobre a realidade e sobre a capacidade que cada espaço possui para auxiliar nas aulas expositivas, achando que para o desenvolvimento do estudo do meio e trabalho de campo é necessário um grande deslocamento, se privando do olhar pelo quarteirão ou bairro em que a unidade de ensino se encontra. São ainda apontados pelos entrevistados a precariedade das escolas e do processo pedagógico diante de salas superlotadas acaba por prejudicar e desfavorecer as dinâmicas que se distanciam dos modos tradicionais, sendo ainda ancoradas pela indisciplina e falta de disposição dos próprios estudantes.

Todavia, a indisciplina e a desmotivação dos estudantes foram apontadas pelos professores entrevistados como dificuldade durante o processo de construção do estudo do meio, mas apresentaram alterações quando questionado sobre a participação e relação destes com o Trabalho de Campo, mostrando euforia e interesse por se tratar de uma metodologia diferente e pouco usual no ambiente escolar. O processo de construção do roteiro e do caderno de campo, bem como a saída das salas de aula apresentam maior participação dos alunos e, mesmo que encontrem dificuldades em se adaptarem a prática, mas diante das experiências relatadas foi de total proveito pelos mesmos, gerando ainda resultados além dos relacionados ao processo educativo.

Uma das professoras que participou de nosso levantamento, destacou que realizou um estudo do meio no próprio bairro da escola, explicando aos estudantes sua constituição, a relação dele com as proximidades, a quais situações seus residentes são expostos e propôs registros individuais de cada um sobre as necessidades e reivindicações necessárias, sendo que, como resultado final, estes apresentaram uma relação de proximidade maior, tendo em vista que muitos não se reconheciam como cidadãos do bairro e como atuantes nas suas condições, sempre referenciando outro

como responsável por tudo. Esta mesma destacou que este processo serviu como uma maneira de abrir os estudantes as realidades do mundo, apresentando a eles que não apenas o que está no livro didático deve ser considerado, mas todas as relações externas e ações dos mais distintos sujeitos.

Diante das potencialidades e do levantamento acerca do circuito turístico pedagógico e do processo do estudo do meio, muitos destacaram quais seriam as suas preferências e temas a serem abordados nesta situação, dialogando assim com as propostas que foram sugeridas em nossa proposta, muitos destacaram ainda a necessidade de além das concepções históricas e suas influências nas dinâmicas atuais, se faz necessário que estes alunos se incluam nessas dinâmicas, demonstrando que muitos apresentam um alto grau de segregação diante da concepção de lugar e do que podem apropriar, segmentados por uma construção social e cultural. O trabalho de campo irá romper com estas condições sociais que são impostas, promovendo o contato direto dos estudantes com espaços considerados sofisticados ou não pertencentes a sua classe social, distanciando as realidades do país.

Devido a uma série de fatores, infelizmente não se teve a oportunidade de aplicar o caderno de campo aqui desenvolvido em salas regulares da educação básica. A autora visitou mais de uma vez os pontos destacados e buscou que as respostas pudessem ser encontradas nesses espaços, usando além dos conteúdos escolares direcionados, mas também da possibilidade de influenciar a construção do agente social de cada aluno e ressignificar seu olhar diante de seu espaço vivido.

4. SÃO PAULO COMO TEMA DE ESTUDO

As alterações que foram realizadas dentro dos espaços, independente da sua posição tempo-espaço, apresentam interferências nas dinâmicas que são desenvolvidas atualmente. As reestruturações e reestabelecimento de relações interferem diretamente nas funcionalidades que são apresentadas por estes espaços, assim como aspectos são ressaltados ou esquecidos durante este processo. A utilização da cidade de São Paulo como recorte geográfico do estudo apresentado se dá, sobretudo, diante dessas remodelações pela qual a mesma já passou, sendo que sua representatividade no cenário nacional com um grande desenvolvimento, processos de urbanização e industrialização fortemente marcados, atuam como reflexos diretos dessas ações e políticas. Sendo assim, São Paulo, com sua diversidade cultural, sua pluralidade social e seu papel na economia e política no país dialoga em seu cotidiano com simbologias das mais diversas, tendo elementos paisagísticos e construções históricas que são jurisdição para compreender grande parte das temáticas e abordagens que as disciplinas escolares realizam.

Para compreender os pontos que serão aqui destacados e quais são sua importância para a cidade, iremos iniciar nossa discussão no reconhecimento de seu crescimento como um todo, apontando suas políticas de urbanização, suas intervenções e os projetos que foram realizados para sua modernização, discutindo posteriormente como estes determinaram alguns aspectos encontrados atualmente na cidade.

Ao decorrer dos séculos, a configuração da paisagem da cidade de São Paulo alterou-se, modelando-se conforme as mudanças sociais, econômicas e políticas. Tendo a construção do território como uma resposta as mudanças espaço-temporais, como já afirma Lefebvre em "A Produção do Espaço" (1974), direcionada e determinada por interesses e benefícios que regulam a sua formação e ordenação, compreendemos a cidade como um artefato socialmente construído, dependente de como o Estado e o mercado atuam.

As discussões acerca das configurações espaciais e como as intervenções urbanas trabalham com a renovação do ambiente tem se acirrado nos últimos anos em São Paulo. Historicamente, a cidade passou por inúmeros planos de reabilitação e políticas urbanas, sendo estas direcionadas por fatores econômicos, como nos primeiros momentos da fundação onde, a crescente visibilidade e a expansão do ciclo

cafeeiro, incentivaram a prosperidade da cidade, atrelados ainda as ferrovias que passaram a ser instaladas e acabaram por difundir o transporte as várias localidades. Ainda no século XIX, temos um aumento da densidade populacional da cidade, dado pela forte imigração europeia, passa este dinheiro acumulado a ser investido no desenvolvimento imobiliário e no processo de expansão urbana, interferindo nas áreas centrais, realizando uma construção elitista e segregadora, tendo em vista de que quem frequentava estes lugares eram os barões e a burguesia que enriquecia graças a produção do café.

O melhoramento das áreas centrais e o investimento desta elite que se estruturava e se estabelecia em São Paulo, irá ser o propagador e configurador de uma série de elementos paisagísticos que atualmente apresentam, além dos aspectos históricos de uma época, uma geograficidade cultural e econômica, que possuem representações para a dinâmica existente atualmente em São Paulo. As grandes elites que se consolidavam neste período viram-se fascinadas pelas remodelações europeias, trazendo estes aspectos para a cidade que se tornaria o polo econômico e industrial do país. A partir destas influências foram aplicadas nesta época uma série de reestruturações em diferentes pontos da cidade, sobretudo nas vias de transporte e acesso, ocorrendo um alargamento de ruas e avenidas, bem como a criação de novos espaços para facilidades na locomoção dos novos meios de transporte que chegavam ao país.

O embelezamento da cidade se faz necessário para satisfazer a nova elite dominante, sendo a criação de praças, prédios e jardins uma renovação das zonas centrais. É neste mesmo planejamento que se dão início aos processos de verticalização da cidade. A construção de prédios vem para atender uma função econômica de centralização de poder e comando. Uma série de desapropriações de cortiços para a reconstrução do Vale do Anhangabaú e a Praça do Patriarca, fortalece a expulsão da população mais carente do centro, evidenciando as políticas urbanas com um forte caráter elitista, tornando-se uma área exclusiva da elite paulista, e embora engrandeça as partes centrais e estabeleça sua importância histórica, cultural e econômica do momento, dispõe das segregações socioespaciais que permanecem até hoje.

O “Theatro Municipal da Cidade de São Paulo” é construído e consolidado como vetor cultural da cidade durante este período. Com subsídios governamentais, o

espaço cultural é mais um instrumento para atender a necessidade da mais alta classe social que ali residia, que desejava a São Paulo as mesmas funções e condições dos grandes centros culturais mundiais, sendo o estilo arquitetônico do Teatro por exemplo, semelhante ao da Ópera de Paris. As implantações de políticas de valorização deste centro, além de construir uma série de elementos físicos que se encontram presentes até hoje na paisagem da cidade, também foram essenciais para a consolidação do mercado imobiliário na região, já que se valorizava a área central e começa a direcionar as classes baixas para a periferia, iniciando assim o processo de urbanização cuja qual continua até hoje na cidade.

Posterior ao crescimento impulsionado pela elite do ciclo do café e seu interesse pelo embelezamento do centro, o mesmo passou a perder um pouco de visibilidade e interesse pelas elites. Em 1920, São Paulo começa a se estruturar como cidade industrial, sendo assim, novos polos de interesse vão sendo desenvolvidos para atender esta nova etapa da cidade.

A região da Av. Paulista irá se consolidar como novo centro da elite, desinteressando-se então pela área central, que será acometida pelas classes populares. Um novo incentivo para a consolidação de um novo centro urbano, localizado na região sudoeste da cidade irá por fim firmar o destino do centro, que abandonado pelos escritórios e entretenimento direcionados a burguesia, irá ser acometido pelo comércio popular. Por agregar uma série de patrimônios histórico culturais da cidade, a partir de 1975, a prefeitura de São Paulo buscará uma série de políticas que irão reviver as memórias e as glórias do Centro.

Dentre os instrumentos desenvolvidos para recompor a região, o restauro e desapropriação do Edifício Martinelli foi um grande marco, tendo em vista que este havia sido, com seus 30 andares, o maior arranha-céu da América Latina e de São Paulo durante muito tempo, sendo um forte instrumento simbólico paulistano.

Luiza Erundina, quando prefeita da cidade de São Paulo, dentre os anos de 1989 até 1992, começou um novo processo de reurbanização do Centro, com propostas que buscavam recuperar o centro histórico e ressignificá-lo em sua função política, trazendo a sede da prefeitura para a região. Em sua gestão também foram desenvolvidas uma Operação Urbana, já prevista no Plano Diretor de 1988, onde objetiva a melhoria da paisagem urbana e ambiental do centro, preservação do patrimônio, além da regularização e conhecimento do uso e ocupação do solo na

região, compreendendo ainda as relações desempenhadas pelos espaços públicos e os edifícios históricos. Entretanto suas propostas desempenharam pouco impacto para a reconsolidação do Centro, consequência do pequeno interesse do mercado imobiliário para com o mesmo.

O Programa de Requalificação Urbana Funcional do Centro de São Paulo – Procentro (1993), também trouxe a temática de volta para as discussões políticas e econômicas da cidade, onde se discutia em seus documentos quais eram as principais deteriorações que o espaço estava sofrendo, desde seus aspectos funcionais até para com questões paisagísticas. Outras propostas políticas que se interessavam pelo Centro Histórico da cidade organizaram-se nesta época, como a Associação Viva o Centro (1991), onde através da participação pública, da iniciativa privada e entidades do terceiro setor (SPTURIS)¹ que pretendia reverter as condições de abandono do centro. Novamente, o desinteresse dos ditadores econômicos acabou por prejudicar e fraquejar estes novos projetos.

Além dos processos políticos, a Universidade de São Paulo também desenvolveu um projeto onde, através de suas reuniões, formaram o Fórum Centro Vivo no fim dos anos 2000, cujo qual luta pela reforma urbana e ainda questiona a vacância imobiliária da área central. As gestões políticas da prefeitura de São Paulo desenvolveram uma série de propostas para remodelar e atrair novamente investimentos para o Centro, na gestão de Marta Suplicy (2001), outro projeto de revitalização da região foi implementado, desta vez com o nome de Plano Reconstruir o Centro, que dividido em etapas buscava agregar todas as necessidades apresentadas lá, englobando desde a inserção de habitações até aspectos de governança para o mesmo, buscava focar nas diversidades culturais e sociais da região.

Em 2001, o Decreto nº 40.753 cria a Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (SEHAB) que, trabalhando em conjunto com a Associação Viva Centro, o Condephaat, também realizará políticas de remodelação e valorização do centro. Em 2003, estas propostas passaram a ser responsabilidade da Emurb (Empresa Municipal de Urbanização), que lançou mais um Programa de Reabilitação da Área Central, cuja aplicações estavam contidas no Plano Diretor de 2002, que aplicava uma nova legislação urbana onde previa-se a reversão da desvalorização

¹ Disponível em: <http://www.spturis.com/turismocentro/pagina.php?id=contexto-historico-6&ln=br>
Acesso em: 04 de dez. de 2017 às 20:33.

imobiliária e intervenções urbanísticas. Distintas ações que buscavam atender a uma demanda no Centro de São Paulo compreendiam os aspectos de locomoção e moradia na região, ainda buscavam recuperar os edifícios, as construções históricas, as áreas ambientais e suas condições sociais e econômicas.

De todas as ações propostas, tinham sido parcialmente concluídas até 2004: a recuperação do espaço público, pela implementação do Corredor Cultural (reforma das praças do Patriarca e Dom José Gaspar) e nova iluminação da praça da Sé; a requalificação de edifícios simbólicos, com a reforma da Galeria Olido e do Mercado Municipal; a recuperação da função residencial, com a criação dos conjuntos habitacionais Baronesa de Porto Carrero e Riskalah Jorge, financiados pelo Programa de Arrendamento Residencial²⁰ da Caixa Econômica Federal, e a transformação da Favela do Gato em conjunto habitacional em regime de locação social; atendimento a grupos vulneráveis, com a criação do Projeto Oficina Boracéia, local de atendimento a carrinheiros e catadores de lixo; controle e fiscalização do comércio de rua, com a coibição de comercialização de produtos ilegais, início da implementação do Programa de Requalificação de Ruas Comerciais na rua 25 de Março; retirada do terminal de ônibus da praça do Patriarca e implementação dos corredores da avenida 9 de Julho e rua da Consolação. (EMURB, 2004b apud NOBRE, 2009, p. 227).

As intervenções que foram realizadas no Centro de São Paulo apresentaram poucos resultados. Um número limitado dos programas propostos foram de fato efetivos, resumidamente, após o abandono dessa área pela elite que antes se apropriava dela, seu processo de deterioração se intensificou. A posse desordenada das camadas populares e do capital, desestruturaram as condições de adequação para bens comerciais e urbanísticos que inicialmente haviam sido propostos. A estratégia de atrair investimentos imobiliários e novos mecanismos de renovação urbana encontrou resistência e desinteresse, direcionando assim ao fracasso dos projetos políticos.

Os programas que de alguma maneira buscaram diminuir o processo de decadência física e reestruturação desse centro, atraindo os olhares para aquela região foram projetos também elitistas, organizados e determinados por uma parcela da população que não tinha contato direto com as relações e dinâmica que se estabeleciam naquele espaço. Uma política feita do topo para as bases, nunca na história conseguiu atingir suas propostas e conseguir concluir-se com sucesso. Talvez o grande erro das propostas de Remodelação do Centro foi o desinteresse para

conhecer as relações que eram estabelecidas pela população e como ele ajudaria no reconhecimento da área. O sentimento de pertencimento é uma das maiores forças de iniciativas de revitalização e valorização de um espaço. Quando as pessoas se sentem atuante e responsáveis por um local, bem como se sentem usufruidores e participantes do mesmo, desenvolvem individualmente práticas que irão reestabelecer as grandiosidades que um dia foram focalizadas ali.

As propostas de base da educação sempre foi promover, além do crescimento intelectual, o reconhecimento social do estudante, compreendendo suas relações com o ambiente que o cerca, como atuante da sociedade e participante da mesma. Cabe ao processo educativo promover o senso crítico e a compreensão do espaço vivido, dentro das disciplinas escolares somos capazes de aproximar nossos alunos dos entendimentos das relações econômicas, políticas, sociais e de qual o seu papel diante das discussões socioespaciais. Através da compreensão de sua condição social, o indivíduo cidadão é capaz de fortalecer e aprimorar relações sociais, e por que não, ressignificar seu olhar perante a uma realidade, buscando modificá-la ou preservá-la. Dentre a proposta do trabalho aqui exposto e de toda sua abordagem teórica, buscamos além do desenvolvimento de uma nova proposta pedagógica que irá desempenhar o papel diferenciado e atrativo dentro do currículo escolar, uma proposta de intensificação da sensação de pertencimento e de posse sobre os espaços estudados e toda sua construção histórica e geográfica incumbida por trás de seus aspectos físicos, reiterando o papel social da escola.

4.1. PONTOS SELECIONADOS PARA O ESTUDO

Destacaremos a partir de agora, os pontos que irão compor o roteiro turístico pedagógico, realizando uma abordagem teórica, resgatando aspectos históricos e sociais de sua construção, além de expor as impressões que foram alcançadas e concluídas através dos trabalhos de campo realizados durante o processo metodológico de construção e finalização da pesquisa e do roteiro. As potencialidades de discussões dentro da sala de aula, compreendendo a matéria de Geografia e todo o caráter interdisciplinar que o estudo do meio possui.

Inicialmente o roteiro foi pensado na seguinte ordem: Teatro Municipal, Edifício Martinelli, Mosteiro de São Bento, Pateo do Collégio, Solar da Marquesa de Santos e Beco do Pinto e a Praça da Sé, porém, após a realização do segundo campo

percebeu-se que era importante estabelecer um trajeto que se estruturasse como um circuito, sem idas e vindas. Sendo assim, para facilitar a locomoção entre os pontos alterou-se para a configuração exposta abaixo.

4.1.1 Teatro Municipal

a) Contextualização histórico-geográfica

A construção do Teatro Municipal de São Paulo, que teve sua inauguração em 1911, esta relacionada a alta do ciclo do café e na apropriação da cidade pelos grandes barões, que enriquecidos buscavam dar cidade uma nova cara, associada a riqueza e a burguesia que agora ali se instalava. A real função cultural do Teatro Municipal daquela época estava associada a necessidade que esta elite tinha de um espaço para receber espetáculos de música e teatro, para assim se assemelharem aos grandes centros urbanos e industriais europeus, sendo uma simbologia para promover São Paulo como tal, tendo em vista que essa passará a se tornar centro políticos e econômico do país.²

Assim, na seleta plateia do Municipal, a elite paulista sentia-se partilhando o mundo civilizado, pois via São Paulo inserida no mundo cultural das principais capitais da Europa, tendo como pano de fundo a encenação lírica, consolidada de um imaginário estético de refinado gosto, propiciadora de status e, mas de que tudo, talvez, pretexto para uma vida social que se pretendia elegante e mesmo luxuosa. (BERNARDES, 2004, p.7).

Sendo assim, as motivações reais da construção do Teatro Municipal estava pautada num interesse elitista de se mostrar e possuir grandes salões aos quais esses senhores frequentavam em suas viagens europeias, sendo pouco significativo a expressão de outra camada social usufruindo das atividades culturais do teatro. Para a construção do teatro, devido a sua majestosidade e dimensões, foi responsável por uma série de desapropriações, encaixando-se ainda no período em que o processo de embelezamento de São Paulo ocorria, afim de atender a demanda desta nova sociedade que se instalava na cidade.

² Informações disponibilizadas durante a visita guiada.

Usando como modelo a luxuosa construção da Ópera de Paris, com traços renascentistas e barrocos na fachada, o Teatro Municipal foi construído através de incentivos fiscais e investimentos dos próprios barões do café. Em seu interior, as obras de arte ficariam responsáveis por engrandecer as salas de espera antes de se adentrar ao salão principal. Através dos adornos de bronze, cristais e seus vitrais, São Paulo buscava adentrar-se ao roteiro internacional dos grandes espetáculos. Os arquitetos responsáveis por sua construção foram Ramos de Azevedo e os italianos Cláudio Rossi e Domiziano Rossi, tendo iniciado assim a construção em 1903.

Figura 2 – Teatro Municipal.



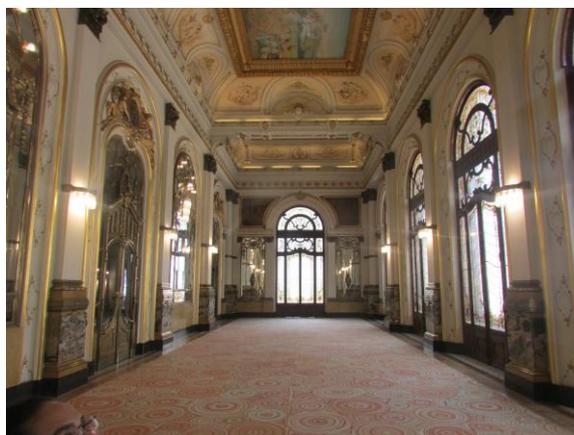
Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 3 - Salão Principal



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 4 - Salão Superior



Localizado na parte superior do Teatro, era destinado para que a elite interagisse durante os intervalos dos espetáculos. Foto: Julia Rangel, 2017.

Embora sua grandiosidade e toda a influência que o Municipal aplicou sobre a vida em São Paulo, ele estava restrito a uma pequena parcela da população. Apenas uma seleta plateia adentrava nos espaços durante as temporadas artísticas, e salvo as

visitas gratuitas que ocorriam periodicamente, a camada popular não possuía participação na vida cultural que ali se desenvolvia.

A construção do Teatro Municipal está inserida num conjunto de obras resultantes do crescimento acelerado de uma cidade em plena expansão. Sua edificação pode ser lida como um marco, pois é o primeiro monumento assumido pelo poder público. Para viabilizá-lo, foram necessárias grandes desapropriações e a urbanização de uma grande área central da cidade. Até este momento, obras deste porte eram assumidas apenas pela iniciativa privada. (BERNARDES, 2004, p.31).

Aos que não faziam parte do círculo social que se apropriava deste espaço, cabiam ainda outras funções a serem desempenhadas no teatro, como o de bater palmas e gargalhar, garantindo assim o incentivo necessário a atuação dos atores, pagando seus ingressos através das claques. Entretanto nos anos seguintes passou-se a considerar que uma plateia respeitável era aquela que permanecia em silêncio.²

O papel que o Teatro desempenhou a esta elite está muito mais associado ao momento de reunião social, bem como a exposição de seus trajes e joias, iam para ser admirados e admirar, servindo para que as forças tradicionais da cidade se consolidassem como tal. Os processos de embelezamento de São Paulo, que se desenvolveram no mesmo período buscam aplicar na cidade um caráter de mundo civilizado, um padrão para construção de casas são desenvolvidos, assim como obras de calçamento e alargamento das ruas, juntamente com a proibição de criação de animais naquelas áreas. A elite ocupava as áreas privilegiadas nos pontos mais altos da cidade, fechando-se em pequenos grupos mas expandindo-se espacialmente em suas apropriações. Hoje, os arredores dos locais que foram apropriados naquele momento ainda representando concentração de riquezas na capital, são ruas com a Avenida Paulista e bairros como Higienópolis e Jardins, que passam a abrigar os mais ricos da sociedade. A precariedade de locais de várzea como Brás e o Bom Retiro são destinados as classes populares em geral.

O Teatro Municipal recebeu também a famosa Semana de Arte Moderna em 1922, marco da nova era da arte, que desprendia-se de seus antigos valores para ocupar novos campos da música, pintura, poesia e literatura. Em seus anos de história passou por três restaurações e eventuais mudanças. Em 1954 recebeu um novo piso para ampliação dos camarins, diminuiu os camarotes e instalou o órgão G. Tamburini.

Em 1986 a 1991, ocorreu um restauro do prédio e o modernizou, assim como a reforma seguinte que aplicou novas tecnologias aos palcos, restaurou as fachadas e os vitrais assim como seus materiais decorativos.

No começo de 2017 as responsabilidades administrativas do teatro foram retomadas pela Prefeitura de São Paulo, anteriormente a isso ela pertencia ao Instituto Brasileiro de Gestão Cultural, que foi afastado após escândalos de corrupção em suas gestões. Abriga centenas de shows artísticos e peças teatrais durante todos os meses do ano, além de promover uma série de atividades gratuitas para a população, atendendo todas as faixas etárias.

b) Sugestão de Abordagens

O Teatro Municipal possui uma política de visitas muito aberta a população³, sendo sua dinâmica alterada conforme a utilização das salas e da programação dos espetáculos. Assim como em outras localidades, as visitas guiadas para grupo no Teatro Municipal são direcionadas pelo próprio interesse da turma, sendo assim, estes são adaptados as visitas escolares, cabe a instituição de ensino e aos professores responsáveis indicarem as temáticas que serão abordadas dentro do espaço. Dentre as possíveis opções a serem levantadas destaca-se o Desenvolvimento de São Paulo, o ciclo cafeeiro, a Revolução Industrial, Semana de Arte Moderna entre outros.

Dos aspectos levantados durante a visita guiada, temos o contexto histórico da construção do Municipal, contendo todas as explanações sobre as consolidações dos barões do café na cidade e a sua necessidade por um espaço cultural, ocorre ainda, na sala de espetáculo uma explicação acerca das segregações econômicas que ocorriam na época em relação a seletividade do público do Teatro. Como podemos notar na Figura de número 5, os níveis de camarote representavam uma classe social. Os lugares de mais relevância eram a plateia e posteriormente os camarotes, estes,

³ Terça a Sexta-Feira: 11h, 15h e 17h; Sábados e feriados: 14h e 15. Gratuita e aberta ao público. Grupos: agendamento prévio e ocorrem da Terça a Quinta-Feira: 10h30 e 13h30; as Sextas-Feiras: 10h; e aos Sábados: 13h. Visitações em inglês também estão disponíveis em horários diferenciados. A acessibilidade é reduzida. Mais informações disponíveis em: www.theatromunicipal.org.br.

dispostos em níveis também configuravam uma seletividade social. Os primeiros apresentam uma estrutura mais aberta, disposta a mostrar os trajes do público que ali se alocava, sendo compostos por um balcão de ferro alemão, com tinturas douradas representando o ápice da Revolução Industrial e a necessidade de modernização que a cidade de São Paulo necessitava. Estes ainda, que ocupavam a plateia e o 1º nível dos camarotes, entravam ao teatro a partir das portas principais.

Nos níveis superiores, os balcões já se tornam menos grandiosos e fechados, lá, direcionava-se a classe menos afortunada, onde não havia necessidade de expor seus trajes e cabia eles ainda entrar no Teatro através das laterais.

Dentre as discussões cabíveis, um outro espaço apresentado durante a visita é o Salão dos Arcos (Figura 6), estando ali desde a fundação do edifício e responsável pela sustentação do mesmo. De grandes arcos tradicionais romanos, demonstram que ainda não haviam cimento e ferro, sendo apenas responsável por sua estrutura areia, conchas trituradas e óleo de baleia. Atualmente esta sala esta sendo reformada e reestruturada para receber um Bar de Jazz, cuja empresa venceu um processo de licitação para utilização do espaço. Conforme estudos realizados mediante a análise da estrutura do Teatro Municipal, este salão era responsável pela ventilação das áreas superiores do teatro. Devido à proximidade com o Rio Anhangabaú e as condições que os recursos hídricos oferecem a circulação de ar e refrigeração, o espaço aberto acolhia essas feições e distribuía para a Sala de Espetáculos e demais partes do complexo, promovendo uma potencial discussão e direcionamento sobre as condições climáticas que se apresentam na cidade de São Paulo atualmente e qual a representatividade dos recursos hídricos para tal. Incitando uma discussão sobre Ilhas de Calor e alterações climáticas, mediante a interferência humana no meio ambiente (Figura 7).

A visita guiada, independente de ser em grupo ou nos horários abertos tem duração de 1 hora. Conforme informações aferidas pelos monitores, a presença de escola é bastante comum ali, e eles defendem a utilização do espaço, afinal recursos públicos foram disponibilizados para a construção do mesmo para agradar uma elite que se apropriava da cidade, atualmente, é patrimônio social e como propriedade pública deve ser destinado a práticas educativas e de integração social. Conforme já destacado, as visitas acompanham a temática requisitada pelo grupo que a realizará, sendo as dinâmicas e relevâncias apontadas distintas entre um tema e outro. A visita

do espaço atende as mais diversificadas séries e idades, indo desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até cursos de faculdades, alterando assim as concepções e atividades que serão desenvolvidas.

As visitas no Teatro para o recolhimento de informações e elaboração das questões propostas em apêndice foram realizadas em dois momentos distintos, sendo a primeira apenas como turista e uma segunda identificando-se como pesquisa e interesse em uma visita educacional voltada para a educação básica.

Figura 5 - Níveis dos Camarotes.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 6 - Salão dos Arcos.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 7 - Entrada de Ventilação.



Foto: Julia Rangel, 2017.

4.1.2. Edifício Martinelli

a) Contextualização histórico-geográfica

A simbologia agregada ao Edifício Martinelli esta associada ao fato deste ser um dos primeiros arranha-céus da cidade e ainda ter se tornado, no período de sua fundação, com seus 30 andares, o maior edifício da América do Sul. Além da altura,

que destacou a construção em relação as demais de São Paulo, a diversidade das salas e usos que os espaços que o Martinelli possui também chama atenção.

Salas comerciais, salões de baile e festas, sede de partidos políticos, jornais, clubes, boates, restaurantes, sindicatos, um hotel, um cinema, uma escola de dança, uma igreja e alguns apartamentos familiares proporcionavam o exercício de uma série de atividades que possibilitaria a uma pessoa morar, trabalhar e se divertir sem jamais sair dele. (CARUCCIO, 2014, p.248).

Giuseppe Martinelli, imigrante italiano que chegou ao Brasil em 1888, busca crescer sua condição social na capital paulista. O edifício nunca teve seu número de andares definidos, entretanto quanto mais andares eram construídos, mais eram encomendados pelo italiano, alcançando então os 25 andares antes de ser barrado pelo poder municipal por não ter licença e desrespeitar as leis municipais. Para agregar outros 5 andares, chegando assim aos cobiçados 30, Martinelli construiu sua casa na cobertura, possuindo esta o número de andares faltantes para atender seu desejo. (CARUCCIO, 2014.).

Sua ambição, entretanto conduziu o proprietário a uma séria crise econômica e, mesmo com todo o patrimônio que tivera levantado durante os anos, teve que vender o edifício para o governo italiano que teve, onde, após o início da II Guerra Mundial e a entrada do Brasil na frente contrária dos países do Eixo, teve seus bens confiscados pelo governo brasileiro, incluindo a construção.

Figura 8 - Fachada do Edifício Martinelli.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 9 - Parte Térrea do Edifício Martinelli.



Entrada do Edifício e Parte Térrea, hoje usada como ponto comercial. Foto: Julia Rangel, 2017.

A partir daí, o edifício foi leiloado e tornou-se residencial. O estado de depreciação alcançado pelo Martinelli teve vários motivos. Com a rápida expansão comercial e econômica de São Paulo, os investimentos que anteriormente eram destinados ao seu Centro Histórico passam a não ocorrer mais. O prédio passa a ser uma opção de moradia barata no centro da cidade, sendo ocupado por famílias de baixa renda, com poucas condições de qualidade de vida. Aos poucos, as características originais do prédio eram alteradas para atender a necessidade dos residentes. Os elevadores pararam de funcionar e os lixos eram despejados nos dutos de ventilação do prédio, que aos poucos tomava como seu odor próprio o fedor que saía dos depósitos de lixo que se acumulavam por sua extensão.

O Martinelli passou a cenário de vários crimes de grande repercussão nos anos 60, como o do menino Davilson, violentado, estrangulado e jogado no poço do elevador. O assassino nunca foi encontrado. Em meio à miséria e à degradação humana, uma igreja evangélica funcionava no 17º andar, atraindo os infelizes e desesperançados moradores do edifício. (PRÉDIO MARTINELLI)⁴

No mandato de Olavo Setúbal, prefeito de São Paulo de 1975 a 1979, decidiu dedicar uma atenção exclusiva ao edifício, desapropriando o prédio e restaurando-o. O sistema hidráulico e elétrico foram substituídos, sua fachada limpa e novos elevadores instalados. Sendo reinaugurado em 1979, agora como sede de inúmeros órgãos governamentais e empresas.

b) Sugestões de Abordagens

Infelizmente, o terraço do edifício Martinelli, cuja qual em 2010 abriu para visitação do público⁵, encontra-se fechado, de acordo seu site oficial para "uso interno da São Paulo urbanismo".

Diante do uso interno do espaço, as discussões sobre o uso e ocupação do solo no centro e em toda cidade de São Paulo, bem como nas grandes metrópoles mundiais é escancaradamente exposto. Com seus prédios comerciais e a visão privilegiada de vários pontos da cidade, torna-se bem claro a distância que os bairros residenciais possuem do centro, bem como a reafirmação da segregação sócioespacial ocorrente

⁴ Disponível em: www.prediomartinelli.com.br/historia.php Acesso em: 27 de Set. de 2017 às 15:24.

⁵ Segundas, Terças e Sextas-feiras, das 9h30 até as 16h30; Aos sábados até às 13h. Gratuito.

nas grandes capitais. Outros inúmeros edifícios de magnitude semelhante ao Martinelli, ou ainda construções posteriores que ultrapassaram o valor de 30 andares são notáveis, adquirindo o caráter de desenvolvimento e modernidade que se instaurou em São Paulo no final do século XX, compreendendo ainda a ocupação urbana desordenada que se deu na cidade após este período. O Pico da Jaraguá, ponto mais alto da cidade localizado na Serra da Cantareira também pode ser avistado do terraço do Martinelli, com sua extensão de 492,68 hectares, sendo um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica da Região Metropolitana de São Paulo.

Devido ao período de inacessibilidade ao terraço, quais as discussões que podemos desenvolver com nossos estudantes, perante a observação da estrutura externamente? Grandes construções como o Edifício Martinelli necessitaram de intensa mão de obra para sua realização, assim como as demais estruturas que hoje caracterizam o novo centro de São Paulo. Nos encontramos em campo em uma das maiores metrópoles do planeta, com uma população que é estimada em 12 milhões (IBGE, 2017)⁶, cujos quais vieram das mais diversas localidades do país, seja em busca de emprego ou com um já garantido. Esse grande período de desenvolvimento de São Paulo e seus grandes imóveis atraiu uma série de trabalhadores que vieram auxiliar em suas construções, que em conjunto com suas famílias mudavam-se para São Paulo, em grande parte, se espacializando nas periferias e aumentando o processo de deterioração ambiental, aumentando a densidade demográfica da cidade, que reflete até hoje nas dinâmicas da cidade, que planejada a um número de moradores, teve com sua representatividade econômica e o imaginário de centenas de pessoas, como centro empregador e de esperança para uma vida melhor. Bem como toda dinâmica social do trabalho, como esta se reflete espacialmente e como interfere na política, economia e sociedade.

Giuseppe Martinelli, idealizador do edifício, veio ao Brasil 1888, durante o intenso processo de imigração que ocorreu de países europeus para nosso país. As ideias de prosperidade que o país possuía eram bastante propagadas nos outros continentes, assim como a necessidade de mão de obra após a abolição da escravatura, o que atraiu muitos imigrantes para trabalhar em fazendas e adquirir as terras que o governo brasileiro estava ofertando. Sendo outro gancho para o processo de imigração

⁶ IBGE Cidades, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama> Acesso em: 04 de Dez. de 2017 às 21:14.

que ocorreu no Brasil nesses anos e o processo migratório que ocorre atualmente, cercado por todas as problemáticas políticas, econômicas e sociais.

4.1.3. Mosteiro São Bento

a) Contextualização histórico-geográfica

Considerado um marco para a história de São Paulo, o Mosteiro São Bento esta alocado na cidade a mais de 400 anos. Foi cedido como espaço para sua localização, onde teria sido a aldeia do Cacique Tibiriça, sendo este uma das melhores localizações da Vila de São Paulo após o espaço ocupado pelo Pateo do Collégio. Conforme as ideologias de São Bento, cabe ao Mosteiro dar suporte necessário ao sustento dos monges, evitando assim a saída dos mesmos de seu espaço.

A fundação do Mosteiro data julho de 1598 através das ações de Simão Luís, conhecido também como Frei Mauro Teixeira, discípulo do Padre José de Anchieta que ergueu um pequeno santuário em homenagem a São Bento. Entretanto, a consolidação do que viria a ser Mosteiro ocorreu somente após a validação do governo (ainda de Portugal) para com as terras ocupadas pelos beneditinos, tendo sua conclusão em 1634.

Conhecido como caçador de esmeraldas, o bandeirante Fernão de Dias Pais, fornece aos monges uma auxílio financeiro para que estes consigam ampliar as estruturas, tendo como em troca seu sepultamento e de sua família na cripta da igreja, cujo qual permanece lá até hoje. No século XIX, uma lei do governo imperial impedia que fossem formados novos monges e demais membros do clero no país, incitando um processo de decadência dos praticantes.

Em 1903, foi fundada o Colégio de São Bento e em 1908, a Faculdade de Filosofia, sendo uma das primeiras do país a oferecer o curso. O mosteiro e a igreja da época imperial também sofreram mudanças durante este período, sobre a influência de D. Miguel Kruse, religioso alemão que havia auxiliado no processo de fundação do Colégio e da Faculdade e estava na direção do Mosteiro, foram levantadas novas edificações que buscavam acompanhar o processo de urbanização que São Paulo estava sofrendo, sendo erguida então em 1910 a estrutura como qual temos hoje, sendo a quarta desde a instalação dos beneditinos na cidade. Sua arquitetura é inspirada na tradição eclética germânica e seu interior foi todo decorado a partir das concepções dos monges.

Figura 10 - Mosteiro São Bento



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 11- Faculdade de São Bento



Foto: Julia Rangel, 2017.

b) Sugestão de abordagens

Embora as visitas ao interior do Mosteiro estejam encerradas, o site oficial do mesmo possui uma visita virtual, onde apresenta uma série de fotos que compreendem toda sua estrutura, dentre as salas de estudo, bibliotecas, capelas e hospedagem, promovendo uma aproximação para com a parte interna do espaço. Este recurso pode ser utilizado em uma aula pré-campo, para um reconhecimento da área e estrutural, para que ao ter contato direto com a construção, os estudantes possam perceber a magnitude e compreensão de todo aquele espaço, podendo ainda adentrá-los a igreja⁷ que fica ao lado do Mosteiro, parte integrante do complexo como um todo.

Mais uma vez, através do resgate histórico podemos perceber que a grandiosidade dos imóveis de representatividade simbólica para o centro de São Paulo,

⁷ A igreja anexa ao Mosteiro permanece aberta nos dias úteis das 06h até o fim da celebração das 18h, aos fins de semana das 06h às 12h, e das 16h às 19h30, oferecendo uma visita guiada na mesma afim do reconhecimento de suas imagens e suas representações.

estão associados a seu desenvolvimento, e sobre tudo, ao seu avanço como centro econômico e político do Brasil, tendo passado estes complexos, por grandes reformas e reestruturações, de forma qual buscasse expressar em sua estrutura e arquitetura, toda a grandiosidade que viria a ser destinada a capital paulista, inserindo-se no seu novo processo de reurbanização e apropriação espacial, tornando-se marcos para a cidade.

4.1.4. Pateo do Collégio

a) Contextualização histórico-geográfica

Dentro dos aspectos históricos que emblemam-se nas discussões do Pateo do Collégio, devemos destacar primeiramente, a relação que este possui com a fundação de São Paulo, abrigando uma ligação afetiva com a construção da cidade muito profunda, representada pela importância humana e de relações sociais que este possui.

A construção, quando soerguida se fixa no alto da colina do Planalto de Piratininga, sendo seu primeiro elemento geográfico destacável. Quando os padres da Companhia de Jesus fixam a igreja e o colégio e dão início a ocupação da então chamada Vila de São Paulo de Piratininga em 1554, a localização estratégica pela qual estes optaram garante controle de uma parte importante da cidade. Estando nas partes mais elevadas, possibilita a visualização de todo o terreno que circundava a Vila, via-se em sua proximidade o Rio Tamanduateí, e compreendia-se todas as regiões e assim "estabelece os limites físicos para voltar ao aspecto topográfico, e só então inserir a ação humana produtiva" (LIMA, 2003), garantindo a segurança dos jesuítas. A construção do colégio e da igreja foram coordenadas pelo Padre José de Anchieta, onde em uma expedição vinda do litoral, decidiu estabelecer ali uma dependência para catequização dos nativos indígenas.

A estrutura era de taipa de pilão, muito usual na época, permaneceu responsável por abrigar a igreja e o colégio até 1640, quando a briga entre os bandeirantes e os jesuítas resultou na expulsão dos mesmos. Era de responsabilidade dos Jesuítas, a catequização dos indígenas, bem como o ensinamento da língua portuguesa, afim de aculturar os nativos. Entretanto, durante a expansão das bandeiras e seus interesses sobre as riquezas naturais do país, fizeram com que o uso do indígena como guia para o interior das matas aumentasse. Os colonos então passaram a

perseguir e capturar os indígenas para atender este fim, gerando discussões e conflitos com os Jesuítas, que os defendiam.

Os Jesuítas só retornam para a Vila e para sua dependência treze anos depois. Em meados do século XVII, uma nova fortificação, agora com o auxílio de pedras foi erguida. Em 1759 foram novamente expulsos de terras portuguesas e o complexo passou a ser sede do Governo Paulista em 1765, chamado a partir de então de Largo do Palácio, abrigando o centro cívico e cultural da cidade. Enquanto pertenceu ao Estado, o casarão passou por inúmeras reformas e alterações, descaracterizando a construção original.

As alterações nas estruturas do Páteo do Collégio foram alteradas conforme o contexto histórico, cultural e econômico que São Paulo obtinha. Sua relação com as condições sociais durante os séculos da cidade, exemplificam de maneira clara um dos conceitos mais debatidos por Milton Santos em *A Natureza do Espaço* (1996), onde se é discutido as relações que são imposta aos fixos, ou seja, infraestruturas construídas que acabam por desempenhar funções diferentes das quais foram primeiramente destinadas, respondendo as funções culturais, econômicas e políticas no contexto histórico de um outro momento. Essa conceituação é facilmente perceptível quando analisamos o enredo total de sua história.

Os estudos sobre o Páteo do Collégio estão agregados a muito além dos atributos históricos e simbólicos, mas também das lembranças e da própria vida, compreendendo ainda as paisagens urbanas e a produção ativa social da cidade. Torna-se imprescindível considerar as múltiplas percepções e experiências desenvolvidas no lugar e, ao mesmo tempo, estar atento às imprecisões e contradições que ali se desenvolveram.

Apesar do Triângulo original ainda existir no Centro Histórico, o intenso movimento em direção à modernização da cidade de São Paulo – iniciado entre o final do século XIX e o começo do século XX por conta de diversos fatores econômicos, sociais e políticos, a exemplo da criação dos parques industriais nas proximidades e a consequente instalação de escritórios, bancos e serviços no centro –, trouxe inúmeras alterações morfológicas e paisagísticas nessa área central. (FORTUNATO, 2017, p. 111).

Em 1954, o espaço do Páteo do Collégio e a igreja em anexo foram devolvidos para a Companhia de Jesus, atualmente abrange além da Igreja São

José de Anchieta, o Museu de Arte Sacra e o Museu Anchieta e a Biblioteca Padre Antônio Vieira.

Figura 12 - Pateo do Collégio



Museu Anchieta e Igreja São José de Anchieta. Foto: Julia Rangel, 2017

b) Sugestão de Abordagens

As visitas guiadas⁸ no Pateo do Collégio, abrangem a Cripta, a Biblioteca Pe. Antônio Vieira e o Museu Anchieta e duram em média 1h30 e são destinadas somente a escolas ou grupos maiores de 10. A faixa etária das turmas que se direcionam até o colégio são bastante variantes, e embora não se indique a visita a alunos até o 6º Ano, é possível sim recebe-los, tendo em vista que cada turma, conforme o interesse e objetivo da visita ali ocorrente, recebe um preparo prévio por parte dos monitores, com dinâmicas direcionadas para o tema que será abordado e a faixa etária que será atingida.

Conforme as informações passadas pelos monitores presentes no Museu Anchieta, a presença de escolas no complexo é bastante frequente, entretanto o que mais ocorre é a participação de escolas de ensino Religioso, onde o ensino abordado é diferente, não destacando para os aspectos de formação e construção da cidade de São

⁸ Valor de R\$ 8,00 por adulto, quando individual. Valores para grupos: R\$ 4,00 para estudantes, professores e universitários de instituições particulares; R\$ 2,00 para estudantes das escolas públicas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. (Grupo maiores de 10 pessoas devem agendar antecipadamente). Terça à Sexta-Feira das 9h às 16h45. Sábados, Domingos e Feriados: das 9h às 16h30m. Para os grupos, além do valor cobrado de entrada no museu, se tem um acréscimo de R\$20,00.

Paulo, mas sim nas convicções e ideais da Companhia de Jesus e seus princípios de pobreza, obediência e castidade.

Durante o segundo campo realizado nas imediações do Pateo do Collégio em outubro de 2017, foi possível acompanhar a visita de uma escola ao complexo. Eram turmas do 1º e 2º Ano do Ensino Médio de uma instituição de ensino particular. Conforme a monitora, o número máximo para visitas em grupo são de 60 alunos, divididos em dois tipos. Entretanto, foi levantado ainda que existem empresas turísticas que fornecem este serviço, sendo que estas muitas vezes realizam trabalhos com, em média, 90 alunos, neste caso as dinâmicas aplicadas são diferentes e permanecem por responsabilidade deles. Na turma acompanhada, estavam sendo trabalhadas as disciplinas de Geografia, Artes, Inglês e História, sendo que todos os professores estavam acompanhando a turma.

Quando individualmente, o guia apenas irá apresentá-lo a linha histórica que se encontra na Cripta e explicar o contexto geral de construção e consolidação do Pateo. As exposições que ficam na cripta são temporárias, no momento dos campos realizados no decorrer da pesquisa, havia ainda uma exposição pertinente, onde abordavam-se através de fotografias, as igrejas que foram importantes para a construção da cidade como um todo, destacando-se ainda entre elas as fotografias da Catedral da Sé, em sua versão de taipa de pilão e sua construção atual. Na cripta ainda, estão expostas paredes da estrutura original do Pateo.

Figura 13 - Parede da Construção Original



Foto: Julia Rangel, 2017

Com o auxílio da cronologia que se encontra na cripta, os monitores realizam um resgate histórico da construção do complexo, em todas as suas etapas, destacam a escolha da localização devido a altura do relevo na área, afim de garantir visibilidade e segurança de ataques e invasões, bem como se dava para observar todas as aldeias mais próximas. Ela destaca o momento de expulsão dos Jesuítas pelos bandeirantes e como os primeiros passavam a ter afeto pelos índios quando estes já falavam português e haviam acatado a religião cristã. Conta sobre a demolição do Pateo do Collégio pelo Marques de Pombal em 1759, quando os Jesuítas foram expulsos das terras portuguesas e consolidou-se ali o Palácio do Governo da cidade. No mesmo salão onde se encontra a cripta, esta também a Biblioteca Pe. Antônio Vieira, cuja consulta é aberta para todos os visitantes, sem custo algum. Ela funciona das 9h às 17h e todo o acervo encontra-se disponível para consulta. No que se trata ao Museu do Anchieta, não é permitido fotografar, logo, não há neste trabalho imagens internas do acervo, apenas a referente a maquete topográfica (Figura 14), cuja qual foi retirada do acervo disponível no site oficial do Pateo do Collégio.

Figura 14 - Maquete do Planalto de Piratininga



Fonte: www.pateodocollegio.com.br Acesso em: 27 de Set. de 2017 às 19:41.

Ainda na cripta, há um quadro ao fundo que levanta uma série de discussões e é destacado pelas monitorias escolares, onde se encontra um religioso, que seria provavelmente o José de Anchieta, junto com indígenas ao redor e uma pequena construção que representaria a antiga estrutura do Pateo do Collégio. Ainda mais ao fundo se vê uma São Paulo mais atual, com grandes edifícios e construções, que

representa a grande metrópole que esta se tornou, seria este quadro uma intersecção de momentos históricos e que, de certo modo, contribuíram para que São Paulo se tornasse o que é hoje.

No que tange a Geografia, a primeira sala do museu é totalmente direcionada a compreensão do espaço e da apropriação do mesmo pela Companhia de Jesus. No centro da sala à uma maquete que representa a colina histórica do Planalto de Piratininga no século XVII, onde podemos notar a demarcação do complexo do Pateo do Collégio, percebemos sua elevação em relação ao terreno ao redor, temos a presença dos Rios Tamanduateí e da Várzea do Anhangabaú, e algumas das primeiras construções que foram se erguendo envolta do Collégio. Nessa mesma maquete, além dos aspectos referentes a formação territorial da época, estão marcadas ainda pontos atuais que são de importância para a cidade. Através de marcações, podemos nos localizar acerca da espacialização urbana atual para com as condições da época, é possível perceber a ocupação desordenada que assoreou os rios e os canalizou, bem como a ocupação das áreas de Várzea. Sendo uma representação rica para o início de uma discussão sobre o uso e a ocupação do solo, sem qualquer tipo de planejamento e quais são as consequências que isto pode acarretar, sendo este um dos aspectos destacados pela Professora de Geografia durante a visita escolar acompanhada.

Dentro das discussões sobre as condições hidrográficas da região, cabe ainda destacar a rua 25 de março, que fica bem próxima dos pontos que são aqui discutidos e é símbolo comercial da capital paulista. A rua encontra-se no que seria a zona de enchente do Rio Tamanduateí, por muitas vezes, quando lá já se instalava o comércio, em períodos de cheia as lojas perdiam suas mercadorias, sendo assim, costumavam a vender seus itens mais baratos, para assim terem um prejuízo menor, característica qual se estabelece até hoje, conhecida nacionalmente por seus preços baratos e variedades.

Nesta mesma sala, estão expostos um conjunto de mapas, plantas e cartas que englobam a antiga São Paulo e seu desenvolvimento conforme os anos. Um total de 11 representações cartográficas que caminham por São Paulo desde sua formação, até o início do processo de verticalização da mesma. As cartas iniciam-se onde apenas estavam presentes a construção referente ao Pateo e pequenas construções ao seu redor, na carta podemos ainda perceber as pequenas estradas que se formavam e as delimitações dos recursos hídricos que circundavam a cidade. Posteriormente, as

cartas já começam a compreender o desenvolvimento impulsionado pelas bandeiras, onde as trocas comerciais que eram desempenhadas pelos viajantes para com a Vila de São Paulo, começam a povoar a mesma. O início do processo de urbanização já pode ser notado nas cartas do século XVII e XVIII, ainda na carta datada de 1877, já se tem a presença da linha férrea em São Paulo, sendo esta primordial para o transporte do ouro colhido em Minas Gerais e posteriormente para o ciclo do café, dois importantes marcos para o desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo.

Existe no acervo um mapa imperial da cidade, elaborado por C. A. Bresser, datada de 1841, e um outro mapa de 1855 que em comparação com o anterior não apresenta grandes modificações na paisagem urbana da cidade, demonstrando a importância posterior a construção da linha férrea. As representações posteriores a 1877, já apresentam a expansão da cidade para as zona oeste e zona leste. O mapa deste mesmo ano já apresenta a cidade com um contingente populacional de 30 mil habitantes e seu crescimento acelerado.

As representações do século XX, já apresentam o início do processo de verticalização da cidade, sendo notável ainda nas cartas a presença do Edifício Martinelli, no ano de 1930.

Esta sala por si só dentro do complexo, já é base para uma série de discussões sobre a perspectiva geográfica e histórica, podemos alavancar assuntos sobre a transformação da paisagem; o processo de verticalização que se instalou nas cidades brasileiras no período industrial; a importância da expansão do café para a espacialização dos meios de transporte; a importância dos recursos hídricos; relevo; ciclo do ouro; recursos naturais; colonização; economia do sudeste entre outros.

Ao tratar das transformações do lugar, Lomonaco (2004) utiliza o termo metamorfoses do Pateo, para se referir às radicais alterações de sua geografia, arquitetura e dos usos desse lugar que, de colégio jesuíta (1554) a Museu Anchieta (1979), acompanharam a evolução da cidade de São Paulo e, com ela, a urbanização que retificou o Rio Tamanduateí e canalizou o Ribeiro Anhangabaú, recebeu o trem e a energia elétrica, foi espalhando-se pelas colinas e vales e cresceu verticalmente. (FORTUNATO, 2016, p.111).

O Pateo do Collégio, como centro fundador de São Paulo, além de promover um reconhecimento geográfico e histórico das relações de interdependência entre homem-ambiente e como suas influências refletem na formação espacial e exploração

de recursos, temos o valor simbólico que ele agrega, as modificações ocorrentes em São Paulo em seus contextos econômicos, sociais, administrativos e comerciais refletiam diretamente na utilização do espaço preservado do Pátio do Colégio, sendo adquirido a ele muito mais do que o caráter de fundação, mas também o de constante diálogo com a evolução da cidade como um todo, configurando a identidade de um pelo outro. Apresentando que a memória da construção de São Paulo não está distante da espacialização atual, e ainda pode se encontrar pouco apropriada pela sua população, promovendo a sensibilidade de poucos sobre o lugar e sua representação, e o descaso de muitos, que acaba por deteriorar e minimizar os juízos sobre aquele lugar transformado.

4.1.5 Solar da Marquesa de Santos e Beco Do Pinto

a) Contextualização histórico-geográfica

O Solar da Marquesa de Santos faz parte de um projeto intitulado Museu da Cidade de São Paulo, sendo referenciado a imóveis que possuem alguma simbologia histórica e arquitetônica, distribuídos por toda a área urbana de São Paulo. Atualmente, é composta por 17 pontos, incluídos neles o Solar da Marquesa e o Beco do Pinto. O objetivo principal da proposta do Museu da Cidade é a conscientização sobre o município e sua história, buscando promover a reflexão e o zelo pelos acervos patrimoniais paulistas.

A preservação e relevância da Casa da Marquesa para o Centro Histórico de São Paulo está no fato de atualmente, ser a única casa de pilão que ainda preserva sua estrutura no centro de São Paulo, bem como a última construção urbana do século XVIII existente. No acervo que ali é exposto não possui qualquer objeto ou pertence da Marquesa, sendo estes todos propriedade do Museu Imperial de Petrópolis/RJ, as exposições do Solar são rotativas.

O Solar está situado naquele que ficou conhecido como o local de fundação da cidade de São Paulo, e sua fama como casa da Marquesa se dá entre os anos de 1834 e 1867, quando a mesma residiu ali após ter sido expulsa da corte devido a necessidade do rompimento de seu relacionamento com Dom Pedro I para que este se casasse novamente após a morte de Leopoldina. A Marquesa então retorna a São Paulo, onde seus pais já residiam, e adquire o imóvel com as riquezas que lhe foi entregue por D. Pedro antes da sua saída do Rio de Janeiro.

A casa em si foi construída por volta da segunda metade do século XVIII, e eram fragmentadas em outras quatro casas pertencentes a um único senhor, que posteriormente foram anexadas entre si. A casa foi entregue então como pagamento de uma dívida ao Brigadeiro José Joaquim Pinto de Moraes Leme, sendo sua herdeira que vendera a mesma para Domitila, a Marquesa de Santos.

Durante sua residência na Casa, Domitila realizou uma série de festas e eventos, ela ficou conhecida em São Paulo como a bem feitora dos pobres e sua casa como Palacete do Carmo. A casa apresenta na sua parte inferior, o que seria o espaço utilizado pela cozinha e pelos escravos, sendo destinado diretamente para serviços. A parte superior tinha, além dos espaços para os quartos, três grandes salões onde provavelmente ocorriam suas festas e encontros.

Após sua morte, a casa foi passada para seu filho e posteriormente leiloadada, onde foi arrematada pela Igreja Católica, tornando-se um centro administrativo para as autoridades da diocese. Neste período, foi quando deram inícios as interferências em sua estrutura original, principalmente as sacadas neoclássicas que possui até hoje. Entre os anos de 1909 a 1967, a casa passou a ser usada pela Companhia Paulista de Gás, e foi novamente modificada para atender sua demanda. Apenas em 1971 é que o prédio é tombado e desapropriado pela Prefeitura Municipal, devido seu valor histórico e de patrimônio da cidade.

Figura 15 - Solar da Marquesa de Santos.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 16 – Estrutura de Pau a Pique visível no Solar.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 17 – Beco do Pinto.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 18 – Entrada do Beco do Pinto.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Devido às alterações ocorridas conforme a utilização da estrutura do Solar, foram necessárias duas restaurações no espaço. O primeiro piso da casa preserva até hoje suas paredes de taipa de pilão, sendo possível observar durante a visita, partes sem tintura e acabamento, permitindo o contato direto com este tipo de construção. As restaurações buscaram preservar ao máximo as características do Solar, buscou-se preservar os vestígios da calçada do século XVIII e o pátio interno. As intervenções realizadas durante os anos 60 pela Companhia de Gás foram desfeitas e demolidas. Atualmente é sede do Museu da Cidade de São Paulo além de receber inúmeras mostras artísticas em seu espaço.

O Beco do Pinto (Figura 16 e 17), ou ainda, Beco do Collégio, que se situa ao lado do casarão, foi por muitos anos a ligação entre o topo da colina para com a várzea do Rio Tamandateí, sendo assim, diariamente passavam por ali pessoas que iam até o rio despejar o lixo e os excrementos da elite que se instalava na então Vila de São Paulo. Seu caminho era íngreme e sinuoso, sendo assim, muitos dos escravos responsáveis por despejar as impurezas no rio não finalizavam seu caminho, deixando o lixo no decorrer do beco. Bem como os lixos, a frequente presença de escravos nas proximidades incomodava os senhores que residiam nos dois casarões que circundavam a entrada do beco. Muitas tentativas de se fechar o beco foram realizadas pelos residentes das duas casas, mas apenas durante a estadia da Marquesa e sua

importância social, fez com que os portões que davam acesso a várzea do rio fossem fechados. Atualmente, eles estão abertos periodicamente para visitação, apresentam ligação direta com o Solar da Marquesa e a Casa nº1, que fica ao lado. O portão que se situa no fim do beco mantém-se fechado permanentemente, o de cima possui horário específico de visitação.

b) Sugestão de Abordagens

Em todos os pontos que compõe o acervo do Museu da Cidade, existe o suporte educativo, sendo necessário um agendamento prévio do grupo que quiser fazer uso do guia, neste mesmo agendamento, os profissionais pedem que se declare o interesse do grupo na visita, para que eles possam se organizar através do tema que a escola busca desenvolver com a visita ao Solar da Marquesa. Sendo assim, o tempo médio de 30-40 minutos pode alterar conforme o tema e a curiosidade dos estudantes. A ficha (Anexo II) que deve ser preenchida para o agendamento da visita guiada pede dados sobre a quantidade de alunos, a idade e seriação, e quais as temáticas que devem ser levantadas com os mesmos durante a visita, podendo abranger conceitos dos mais variados como o período da República no país, 1º Império, Desenvolvimento de São Paulo entre outros.

Mesmo com o suporte gratuito disponibilizado pelos educadores do museu, durante a pesquisa de campo e o levantamento de dados, foram percebidas que embora muitas escolas realizem visitas ao espaço, poucas utilizam os educadores próprios do museu. Com o advento do turismo pedagógico e as empresas de turismo que vem se apropriando desta função, a contratação de guias particulares para direcionar estas idas a campo aumentou.

O projeto Museu da Cidade por si só já realiza uma parceria com as escolas públicas próximas a seus espaços. As escolas municipais realizam constantemente atividades nessas instituições, ocorrendo um diálogo entre elas para aprimorar o processo de ensino e desenvolver novas metodologias que podem efetivamente auxiliar o estudante em toda sua formação, mostrando como o retirar o aluno da sala de aula e aproximá-lo de sua realidade e meio em que vive, pode fazê-lo reconhecer os aspectos de sua vivência e ainda revigorar seu sentimento acerca dos lugares que fazem parte de sua história. A proposta de trabalho entre as escolas municipais e o Museu da Cidade tem apresentado resultados positivos, entretanto, infelizmente,

devido ao desinteresse da continuidade do projeto, algumas administrações o desprezam e não buscam incitar estas visitas.

Como proposta para temas a serem discutidos na visita do solar, propõe-se a continuidade em relação aos temas de recursos hídricos iniciados no Pateo do Collégio, tendo em vista que o Rio Tamanduateí tem forte representatividade na relação entre a sociedade e suas funções. As discussões acerca das perspectivas sociais perante as diferenças étnicas no Brasil são relevantes ao discutir o papel do negro dentro dos períodos de colônia e império, a construção da identidade nacional bem como o histórico de preconceitos e racismos que se perpetuam até hoje em nossa sociedade. A relação entre Domitila e Dom Pedro I geraram bastante conflitos na corte, sendo as questões políticas potencialmente abordadas neste contexto. Dentro do Solar, as paredes de taipa de pilão junto com a exposição arqueológica ali resgatada, representam o desenvolvimento tecnológico da sociedade durante as revoluções industriais e os acessos desses materiais no Brasil.

4.1.6. Catedral da Sé

a) Contextualização histórico-geográfica

A Catedral Metropolitana de São Paulo, ou Catedral da Sé, encontra-se situada no centro da cidade de São Paulo, na Praça da Sé. Sua localização foi determinada por uma série de fatores culturais e históricos, e carrega hoje uma simbologia agregada que referencia não apenas as relações religiosas que ali se estruturaram, mas também nos faz perceptíveis a condições sociais que se desenvolveram na região, bem como, não apenas a igreja, mas todo o seu entorno, é capaz de nos remeter ao processo de espacialização e crescimento da cidade. A centralidade que a igreja possui esta relacionada ao reconhecimento cultural que esta possui para a comunidade, estruturas e monumentos importantes para o contexto histórico-cultural-social são alocados em áreas centrais por apresentarem reconhecimento pela população, por representarem espaços coletivos e ainda por serem marco importante para a constituição e consolidação de uma comunidade.

A construção da Catedral como se vê hoje, data 1913, e foi estruturada a partir do projeto do arquiteto alemão Maximilian Emil Hehl (1861-1916). Entretanto todo o caráter simbólico religioso e as influências econômicas e políticas que acometeram a

evolução de São Paulo, direcionaram as intervenções que foram realizadas na Igreja desde sua fundação, em 1588.

Uma das maiores críticas acerca das realidades arquitetônicas de São Paulo se faz pelo hábito de não preservação das memórias da cidade. Suas construções que exemplificavam espacialmente as relações que foram desenvolvidas na cidade durante todos os séculos eram demolidas constantemente para dar lugar a novas estruturas, que condiziam com as determinações da época em questão. A busca pela modernização da cidade pautada sempre no período histórico, ignorava a importância de elementos estruturais para a história e cultura da cidade, desinteressados a construção da identidade da então capital paulista, muitos monumentos simbólicos durante sua história, foram demolidos para dar novas intenções aos espaços dentro de São Paulo.

O papel da religiosidade no cenário brasileiro e mundial foi de grande importância. Sabe-se que durante décadas as igrejas católicas desempenharam um papel fundamental diante do controle social e político, e a construção da Igreja da Sé, não deixa de vir anexada a este contexto de poder do clero. Conhece-se na história da fundação de São Paulo, a importância que a Igreja do Colégio possui, entretanto, se considerava esta apenas pertencentes aos Jesuítas e suas dinâmicas particulares, fazendo-se necessário então para a cidade a construção de uma Matriz Central, que simbolizasse todas as relações eclesiais e fosse responsável pela religiosidade na Vila de São Paulo.

Por estes mesmo Jesuítas, havia um nativo que fora catequisado, o Índio Tibiriça, de importância marcante a história de São Paulo, e teve presença fundamental na instalação da primeira igreja da Sé, dedicada a Nossa Senhora de Assunção. De taipa de pilão, o terreno onde foi erguida a igreja matriz foi escolhido por Martin Afonso, seu nome de batismo após sua catequização, e sua representatividade garante a ele ser, um dos únicos que não possui qualquer formação religiosa a estar enterrados na cripta da Catedral.

A construção da então matriz em 1591 vem atrelada a uma série de dificuldades, tendo em vista que as condições da Vila de São Paulo para erguer a mesma eram precárias. A pequena igreja foi então levantada com muita dificuldade, e já no ano de 1612 acaba demolida para dar lugar a uma nova estrutura, cuja qual agora

buscaria firmar, além do fortalecimento da igreja, a também união entre Estado e Igreja, consolidando a autoridade da igreja durante o período colonial.

[...] a importância das ordens religiosas no esquema de sustentação do domínio colonial português se revela na própria configuração da área central paulistana. Os espaços públicos históricos da cidade, localizados em pontos estratégicos do sítio de fundação da cidade, tiveram sua origem vinculados às instituições religiosas e constituíram em pontos focais da vida urbana. Destacaram-se aí, pela importância, os jesuítas, os beneditinos, os franciscanos e os carmelitas. (SANTOS JUNIOR, 1991 p. 15).

Os aspectos da formação espacial de São Paulo já podiam ser reconhecidos à partir desta fundação onde, ao entorno da igreja já se nota a consolidação de casas e atividades comerciais, sendo assim o início da apropriação da população dos arredores da construção. O desenvolvimento da cidade de São Paulo, embora o constante abandono e sem nenhuma representatividade econômica forte dentro do cenário nacional, acaba por tornar-se centro da diocese homônima, e infere a construção de uma nova matriz, em 1764. Com aspectos barrocos esta dependeu até 1911, onde se tem início o projeto de construção da Catedral da Sé como se tem hoje, buscando atender a uma nova São Paulo, agora consolidada como cidade e referência devido a ferrovia que havia se instalado ali e o ciclo do café, que enriqueceu a então Vila. Para compreender as formações da igreja e as transformações que aconteceram ao seu redor, não podemos ignorar o cenário de desenvolvimento e de políticas que foram implementadas em São Paulo para que a mesma se consolidasse como cidade.

O período das bandeiras foi bastante importante para a representatividade de São Paulo, mesmo com o abandono da Vila para se aventurar no interior da Província e da Colônia, a fundação de pequenos povoados ao decorrer das expedições aumenta a circulação de mercadoria entre estes e o centro da Vila, assim como a descoberta do ouro em Minas Gerais, que irá reservar o papel de centro articulador para São Paulo. Posterior a este período, a representatividade da Província só será somente realçada com a expansão do café e a instalação das ferrovias para facilitar o escoamento do produto até o porto de Santos. A partir daí, São Paulo começa a desenvolver uma estrutura urbana, atrair uma elite consolidada por barões do café que passavam a ver potencialidade e demonstrar interesse pela cidade.

Com o advento da ferrovia São Paulo, teve um crescimento incontrolável e, com os imigrantes, vieram novas técnicas de construir, e a cidade foi demolida e reconstruída totalmente, para ter a imagem de uma nova cidade, no mesmo padrão das mais importantes capitais europeias. (FERREIRA, 2006, p.34).

Assim a cidade começa a se reconstruir para atender uma demanda elitista, baseada nos padrões europeus de construção e estética. Estas políticas irão aplicar uma série de melhoramentos nas ruas, edifícios públicos e em toda a cidade. Este mesmo período de embelezamento da cidade e investimento financeiro para com a mesma, é o que irá promover a cidade como centralidade econômica do país. Sua nova importância para a economia é o que irá incentivar na construção de uma imagem desenvolvimentista e semelhante aos centros mundiais já consolidados. A Praça da Sé, onde se localiza a igreja, é alvo destes novos projetos que foram aplicados na cidade, algumas reformas e restaurações são realizadas na igreja e a praça passa a receber atividades cívicas. No final do século XIX, o Largo da Sé se afirma como uma das centralidades da cidade, gerando uma movimentação estrutural ao seu redor, como a construção de grandes edifícios imponentes e representativos para as relações econômicas e comerciais que ali se instalavam.

Com a riqueza e a expansão proporcionada pelo café, São Paulo passa a atrair pessoas que buscam trabalho. Com a instalação da República a cidade passa a atender a demanda industrial, comercial e bancária, o que acelera seu processo de urbanização. As mudanças que ocorrem rapidamente na área central da cidade acabam por influenciar no Largo, que graças a implantação de pontos de bonde elétricos, passa a ser o meio terminal urbano da capital, e a partir desta concepções urbanísticas, as características coloniais que vulgarizavam a cidade passam a ser destruídas e revitalizadas com novos aspectos da modernidade e da tecnologia.

Essa série de alterações paisagísticas na cidade influenciaram, ainda no espaço que passa a ser destinado ao Largo da Sé e ao domínio da Catedral, aumentando sua área em três quadras, tornando-se a praça central que, em 1913 cederia seu espaço para a construção da nova Catedral Metropolitana. Essa nova construção se inspirava nas catedrais europeias de estilo gótico, mas não se prendia a ele somente, como em sua cúpula que tem traços renascentistas.

Em 1934, na Praça da Sé é inaugurado o Marco Zero, cujo qual representara a contagem de léguas a partir da porta da Igreja da Sé, mais uma vez destacando seu

papel de centralidade da cidade, tendo em vista que seria a partir dali que se dariam dadas as distâncias oficiais para outros estados.

A conclusão da obra da nova Catedral apresentou inúmeras dificuldades. A crise do poder do clero sobre as políticas, economia e a sociedade estavam cada vez menores, assim como seu poder financeiro para a construção da mesma. As crises políticas que ocorreram no país também dificultaram o processo de levantamento da mesma. A inauguração só foi ocorrer em 1954, durante o quarto centenário da cidade. A igreja não estava finalizada, mas havia necessidade de se apresentar algo marcante na data comemorativa, sem falar nos anos que já se estendiam da construção da Catedral. Esta indeterminação sobre a continuação da construção da mesma, apresentou problemáticas no projeto estrutural original, ocorrendo algumas alterações durante a finalização do templo. Sua finalização ocorreu apenas em 1967, com a entrega das torres.

A valorização da região irá aumentar com o processo de verticalização da cidade, que se dará início para suprir a necessidade de escritórios e apartamentos. As intervenções de poder que estavam ocorrendo naquele momento, buscavam ordenar territorialmente a cidade, já que com a industrialização e a centralização de uma burguesia na cidade haviam contribuído para a ocupação desordenada do solo, bem como o atrativo das fábricas e empresas que passaram a contratar mão de obra barata que ia se apropriando de espaços periféricos.

Graças a esse desenvolvimento e a caracterização como centro econômico e comercial, São Paulo torna-se o maior centro industrial da América do Sul, o que acomete a cidade a maiores transformações urbanas, tiveram inícios políticas públicas através de administrações que buscaram aumentar a malha urbana, proporcionar maior facilidade de deslocamento dentro da cidade e a construção de novos espaços públicos.

A necessidade da circulação da massa que agora se instalava na cidade faz com que a Praça da Sé passe a perder seu caráter de apoio a Catedral para dar espaço a locomoção humana. Foram instalados pontos de ônibus e em 1971, novas demolições são realizadas para a instalação da estação de metrô, transformando as relações e dinâmicas que lá eram realizadas anteriormente.

A evolução das cidades e as transformações sociais, econômicas e políticas acarretam reformulações periódicas nos espaços cotidianos, principalmente dos espaços públicos centrais. Por

sua localização e inserção na dinâmica econômica e social, os largos, praças e ruas dos centros históricos são os espaços que prioritariamente sofrem grandes reformulações. (MILANESI, 2002, p. 01).

A partir de 1970 a região da Sé passa a ser desconsiderada como atrativo para a instalação de centros comerciais e econômicos, e a Praça, que teria como finalidade atender a demanda de circulação, atividades cívicas e lazer, perdia sua beleza para atender uma funcionalidade, desprendendo-se de sua simbologia para atender um processo de urbanização moderna, perdendo a noção de lugar e a relação de pertencimento para com o mesmo. No que cabe a Catedral, esta passa a ficar esquecida, sofrendo um grande processo de deterioração foi fechada em 1999 para a realização de uma reforma, que durou até o ano de 2002.

A catedral foi por muito tempo a maior igreja da cidade de São Paulo, com 111 metros de comprimento, 46 de largura, duas torres de 92 metros e a cúpula atinge 70 metros de altura. A Catedral paulistana tem dimensões semelhantes à Abadia de Saint-Denis, da França e capacidade para abrigar 8.000 pessoas.(SANTOS, p.9, 2014).

Figura 19 - Catedral da Sé



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 20- Marco Zero de São Paulo



Foto: Julia Rangel, 2017.

b) Sugestão de Abordagens

A Catedral da Sé, atualmente, tem uma política de visitas que abrange somente a Cripta da Matriz. A visita guiada irá enaltecer pontos de relevância para a construção da igreja, destacando os corpos que hoje se encontram enterrados na Cripta, e qual a relevância que os fez estar ali. Como já destacado anteriormente, apenas membros do Clero que já foram responsáveis pelas celebrações e administrações da catedral podem estar ali, entretanto o corpo do Índio Tibiriça e o do Regente Feijó, devido as colaborações para construção e valor histórico, foram autorizados a permanecer ali. O primeiro devido sua catequização pelos jesuítas e a posterior ajuda na construção da primeira versão da igreja e o segundo devido a sua importância política durante o Império no Brasil.

O guia destaca a relevância da arquitetura dentro e fora da cripta, destacando quais são os estilos e como eles se compreendem dentro da história da Catedral. Ainda na cripta encontram-se duas estatuas talhadas por Francisco Leopoldo, irmão de um dos arcebispos que passaram pela catedral, uma apresenta Jó, o aflito, e outra São Jerônimo. Ambas as esculturas foram feitas ali mesmo.

Figura 21 - Cripta da Catedral



Foto: Julia Rangel, 2017.

Um ponto relevante que irá enriquecer a discussão acerca da matriz e a relação com o povo brasileiro e sua representatividade dentro da história de São Paulo, esta associado aos mármorees presentes na mesma. Este é proveniente de Itaquera, zona leste de São Paulo, destacando um dos principais fatores que foram enaltecidos na construção da Sé. Se analisarmos todos os componentes da construção e da estrutura da igreja podemos notar várias simbologias pertencentes a cultura brasileira (aspectos quais serão discutidos a frente com mais detalhamento), exemplificando a vontade de enaltecer nossas particularidades. Sendo assim, o uso de materiais de construção vindo do Brasil demonstra o interesse em mantê-la nacional (Figura 22).

Figura 22 – Altar Capela do Santíssimo.



Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 24 - Tucano nos pilares da Catedral.

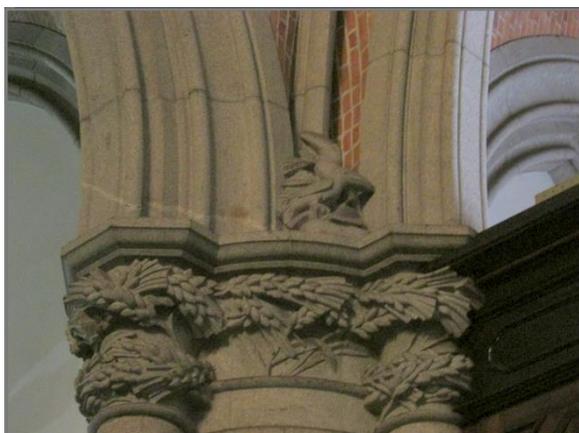


Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 23 - Garças nos pilares da Catedral.

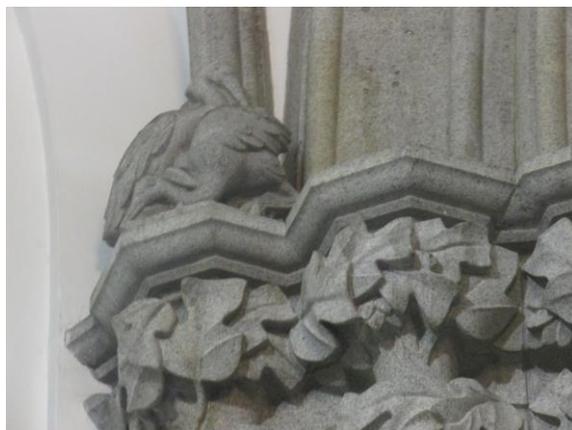


Foto: Julia Rangel, 2017.

Figura 25 – Arco da Porta Principal.

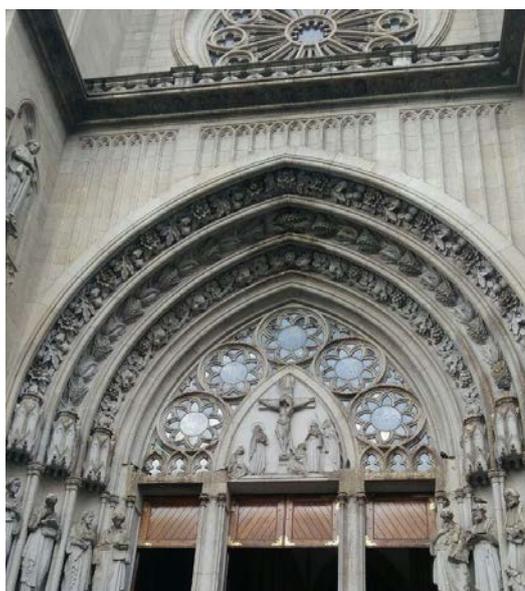


Foto: Julia Rangel, 2017.

Embora a visita ocorra apenas na cripta, devido à pesquisa e a intenções de campo que foram apresentadas aos responsáveis da igreja, foi autorizada uma visita guiada (enquanto não houvesse outros interessados numa visita na cripta), pela igreja como um todo, acompanhada pelo então monitor. Este destacou aspectos do altar e das pilastras que novamente reiteram o interesse em enaltecer a cultura brasileira, sobre tudo a fauna e a flora. No altar principal, as cores das rochas são verde e amarelo, importadas do congo, buscam simbolizar as cores da bandeira brasileira. Os pilares que sustentam a igreja, em seu topo, possuem representações esculpidas de animais próprios da fauna brasileira, como tucanos, araras, jacarés, lagartos entre outros (Figuras 23 e 24). Assim como os animais, elementos principais da agricultura e desenvolvimento do país podem ser vistos, temos o cacau, o trigo e a uva, que ainda representam o pão e o vinho cristão (Figuras 25). O café e o milho que são bastante encontrados em território paulista também estão presentes.

As portas da igreja foram todas executadas pelo Liceu de Artes e Ofício de São Paulo, utilizando árvores de Jacarandá, da Bahia. Seus vitrais são tanto de artistas nacionais como de artistas belgas e holandeses. Em um primeiro momento iriam ser todos importados, entretanto com a necessidade de se inaugurar a igreja e o tempo limitado que possuíam, artistas nacionais acabaram por completar o conjunto das obras. Elas apresentam uma série de contextos, compreendendo desde episódios bíblicos até acontecimentos que foram importantes para a criação e desenvolvimento do país, como a chegada da comitiva de Pedro Álvares Cabral a Terra de Vera Cruz, a primeira missa que foi realizada em solo nacional, a fundação de São Paulo, a exploração ocorrente no Rio Amazonas pelos franciscanos, entre outros (Figura 26).

A visita⁹ dentro da cripta dura cerca de 30 minutos, questionado sobre as visitas escolares na Catedral, o guia informou que a presença de escolas não é muito comum, quando ocorrem, a dinâmica de explanação da cripta são de maneira diferenciada. Numa visita de grupos grandes, a apresentação ocorre de forma oral, os estudantes sentam-se nos bancos da cripta e, posteriormente a explicação são liberados

⁹ O valor da visita guiada dentro da Cripta é de R\$7,00, não havendo valor adicional para grupos agendados. O guia ainda ressaltou que cabe a instituição de ensino informar os temas a serem desenvolvidos, pois a diferentes maneiras de abordar a histórias e as importâncias da Sé. As visitas ocorrem de Segunda a Sexta-Feira das 09h até as 11h30 e depois das 13h até as 16h30.

para percorrer os corredores e fazer conhecimento das câmaras mortuárias que estão ali. Existem duas que ficam abertas para exposição.

Figura 26 - Vitral da Catedral



O Vitral apresenta, além da representação religiosa, na sua parte inferior, o Pátio do Colégio, importante para a história da formação e desenvolvimento de São Paulo. Foto: Julia Rangel.

A partir dos aspectos destacados durante a visita promovida de maneira guiada como podemos otimizar a Catedral Metropolitana da Sé como ponto do nosso roteiro turístico pedagógico, e quais seriam suas relevâncias para o ensino interdisciplinar proposto pelo estudo do meio?

A Catedral da Sé, além de sua representatividade cristã a qual é designada hoje, apresenta em sua construção uma série de elementos que podem ser discutidos em sala de aula sem referencia-la a religião. Sua expressividade dentro da territorialidade paulista já tem início na construção da mesma como centralidade, e conseguinte a sua primeira estrutura, tem-se a edificação de casas e centros comerciais, que irão buscar auxiliar no processo de desenvolvimento da cidade, dando início a espacialização da metrópole.

As alterações existentes durante as décadas para com a igreja e a Praça da Sé demonstram como a industrialização e o capital financeiro aplicado na cidade de São Paulo foram fatores determinantes para a remodelação do novo centro. Assim como as

alterações urbanas obras de políticas públicas para atender o contingente populacional e industrial ao qual a capital paulista estava inserida, ainda temos que entender através dos elementos presentes na igreja, os que foram responsáveis pela consolidação de São Paulo como polo do país, situação que vem até os dias de hoje. Será que os investimentos promovidos pela ferrovia e pelos produtores do café na cidade foram responsáveis por dar início a construção e consolidação da cidade como centro econômico brasileiro, bem como ser uma das regiões mais ricas da nação? Podemos perceber estes elementos na paisagem que segue pela Praça da Sé?

Assim como os aspectos econômicos, políticos e sociais que se seguem pela construção e apropriação do espaço pela Catedral, podemos trabalhar, no intuito da interdisciplinaridade, conceitos das disciplinas de Educação Artística e Literatura, tendo relacionado seus estilos para com a estrutura arquitetônica que a igreja possui, em relação a época e as necessidades que eram apresentadas.

O ensino de Geografia na educação básica deve priorizar o estudo do território, da paisagem e do lugar em suas diferentes escalas, rompendo com uma visão estática, na qual a natureza segue o seu curso imutável e irreal enquanto a humanidade é vista como uma entidade a ser estudada à parte, como se não interagisse com o meio. (Currículo do Estado de São Paulo para Geografia, 2012, p.77)

A consolidação do Brasil como nação e do sentimento de pertencimento para com seu povo podem ser discussões favorecidas pela visita a Catedral da Sé, tendo em vista que a mesma se consolida como templo nacional incita as discussões sobre a diversidade cultural no país, bem como nossas relações com as diferenças étnicas presentes em nosso território.

5. CADERNO DE CAMPO

Organizar um caderno de campo e entregá-lo anteriormente do início das atividades aos estudantes cumpre um papel de importância em auxiliar a organização das informações e atividades, destacando em suas páginas o objetivo do trabalho e quais são os fenômenos e itens que devem ser observados, como devem ser analisados e assegurar que não se perca informações e momentos que seriam importantes para a compreensão e análise dos conteúdos levantados em sala de aula na aula pré-campo.

Hoje o caderno de campo, com o advento da tecnologia, apresenta não só apenas derivados, mas também aparelhos que podem prestar auxílio na coleta de informações. Mesmo com os aparelhos eletrônicos que podem auxiliar nessa fase da pesquisa, deve-se destacar que as orientações e informações iniciais não podem ser substituídas por funções eletrônicas.

Na estrutura do Caderno deve-se envolver não apenas aspirações teóricas, mas também espaços reservados para que o aluno consiga transcrever suas opiniões e perspectivas pessoais diante das experiências vivenciadas em campo. No caderno de campo aqui proposto, busca-se instigar o estudante a manter a atenção no espaço trabalhado, bem como propagar provocações para os mesmos, conduzindo através das questões levantadas que o mesmo reflita e passe a agir como sujeito ativo do espaço e da pesquisa.

Cada observador é um sujeito com experiências, valores, interesses e conhecimentos diferenciados, o que torna cada observação singular. (VENTURI, p. 485, 2011).

A análise final que será realizada e discutida em sala, procurando entender as concepções que foram assentidas durante o trabalho de campo serão abordados e explorados nos encontros seguintes, como Venturi (2011) cita estes resultados não estarão neutros diante dos componentes levantados no caderno de campo e na revisão bibliográfica, eles irão somar a construção do conhecimento que se dará durante a análise dos materiais, sensações e impressões sobre o Campo realizado, onde as distintas anotações irão complementar as discussões e que serão capaz de promover o olhar integrador para com os estudantes.

De acordo Lopes e Pontuchka (2009), durante a elaboração do caderno de campo, deve-se atribuir a ela a função de reconhecimento e informativo, embora em

suas páginas contenha questões e levantamentos para direcionar a atenção dos estudantes mediante as abordagens, cabe a este ser ainda um auxiliar, oferecendo ao usuário todas as informações necessárias sobre o horário e locais a serem visitados, podendo ser consultado a qualquer instante durante o percurso.

A elaboração do Caderno de Campo representa ainda um importante papel para instigar e estimular o interesse do estudante, inclui-lo na construção do material irá “despertar de seu espírito investigativo e crítico” (LOPES E PONTUCHKA, 2009, p.192), transferindo ao aluno ainda a importância da indagação e do recolhimento de informações, abrindo suas compreensões acerca da necessidade do questionamento direto sobre o mundo. O Caderno de Campo tem representatividade em grande parte dos setores que se desenvolvem da prática, ele é instrumento de pesquisas e abordagens, sendo tradicional acaba por desempenhar funções além do momento do campo, mas sim durante todo o processo de estudo do meio.

A aproximação para com o Caderno de Campo e ser reconhecimento já se dá na elaboração de sua capa, cuja qual deve apresentar o tema central, ou ainda os pontos que serão de relevância para o trabalho. As propostas apresentadas por Lopes e Pontuschka (2009), buscam incentivar a ilustração do aluno, pois assim irá se valorizar a identidade do grupo no caderno a ser desenvolvido, optamos aqui pela silhueta de três dos pontos inferidos para visita, para que o aluno possa reconhecer algumas das características apresentadas por estas arquiteturas, auxiliando muitas vezes os estudantes que não possuem conhecimento dos pontos e área de estudo.

Em nossa página seguinte anexamos um mapa que apresenta, além do contorno das regiões da Sé e República da cidade de São Paulo, a malha urbana e os pontos que serão abordados durante o campo, incluindo ainda a logística que foi utilizada para a realização do campo, em nosso caso estruturado conforme a facilidade de locomoção pelo centro. Sendo assim, o itinerário e atividades que serão desenvolvidos, bem como o cronograma, são partes fundamentais do caderno, para que todos possam se organizar. Deve-se ainda destacar que, embora o planejamento seja executado corretamente, a prática do trabalho de campo sofre interferência do externo, sendo assim alterações de percurso e intervenções do ambiente.

“Trata-se de uma coletânea de textos, de mapas, de gráficos etc. selecionados que visam subsidiar o grupo no trabalho de campo a ser desenvolvido em sua dimensão conceitual, procedimental e atitudinal.

São textos que instrumentalizam teoricamente o processo de observação, a realização das entrevistas, os procedimentos mais recomendados para o tratamento do material coletado, sínteses históricas e geográficas do lugar ou região estudado. Devem-se anexar também, ao caderno de campo, mapas da área a ser estudada, sendo alguns deles temáticos que correspondam aos interesses do trabalho de campo em pauta.” (LOPES E PONTUSCHKA, 2009, p. 185).

Os materiais de apoio são essenciais para que a proposta do Trabalho de Campo sejam alcançadas, sendo anexadas ao Caderno de Campo (quando necessário) ou estudado anteriormente durante as fases de preparação e definição dos objetivos.

Em nosso material, buscamos explorar nas questões os mais diversos pontos de criação e percepção dos alunos. Foram utilizados questões dissertativas que buscam a ligação direta com conteúdos escolares, bem como questões que buscaram reconhecer suas concepções pessoais e individuais, respeitando a especificidade de cada um. Além destas questões, foram propostas atividades ilustrativas, onde o uso do celular ou máquina fotográfica foram incentivados, bem como desenhos, instigando a capacidade criativa dos estudantes.

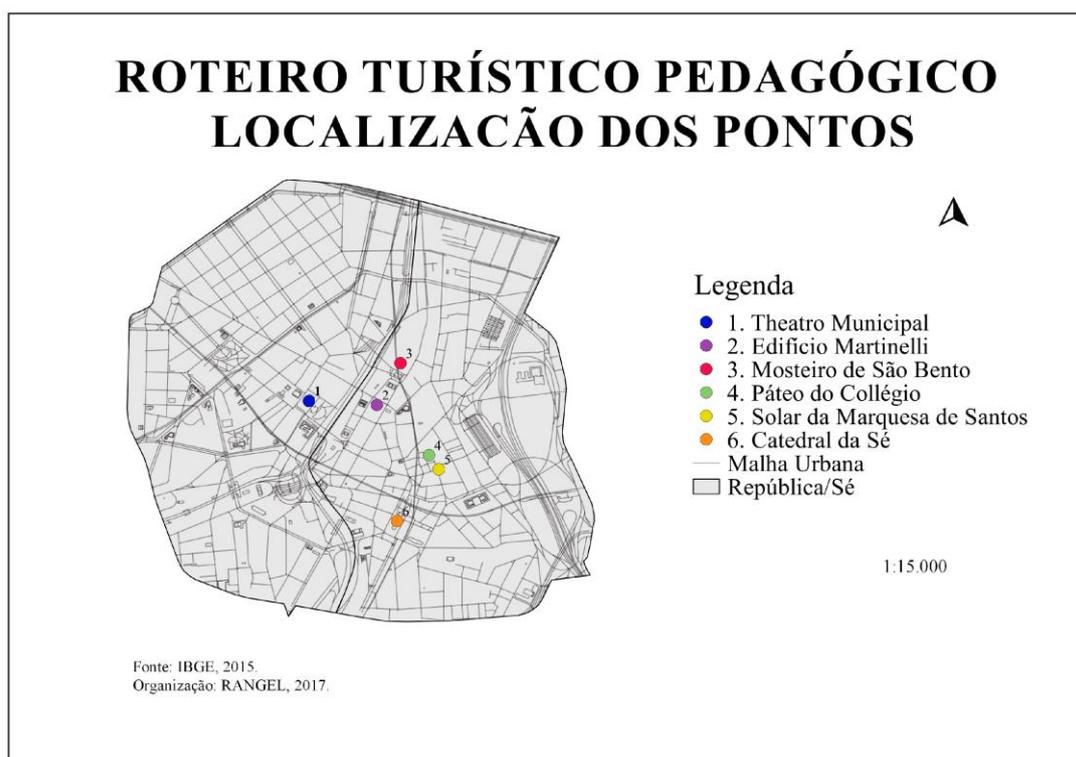
Um dos levantamentos propostos busca a realização de uma entrevista, ponto destacado por Lopes e Pontuschka (2009) onde, embora haja a necessidade da elaboração prévia de questões para a abordagem do entrevistado, deixam tanto este como o entrevistador libertos para expressar seu conhecimento, criatividade e emoção. Não se deve esquecer de reservar os locais aos quais serão destinados estas respostas e reflexões. Será esse material o utilizado para a análise final e conclusão do Estudo do Meio.

“É preciso, além das entrevistas, que os participantes estejam cientes que o trabalho de campo propicia momentos privilegiados para a coleta de documentos diversos, materiais bibliográficos e outros materiais. É importante atentar para as oportunidades proporcionadas pelos roteiros de observação para fotografias, filmagens, e, porque não, para a inspiração artística na forma de poemas, músicas e desenhos.” (LOPES E PONTUSCHKA, 2009, P.187).

Utilizando-se do software QuantunGis, foi possível realizar um mapeamento para identificação dos pontos que serão abordados em Campo, quais os melhores meios de deslocamento e sua localização, permitindo que o professor se organize antecipadamente diante de sua disponibilidade de horários, e para que os alunos consigam acompanhar e compreender espacialmente a dinâmica que ser aplicada.

Posteriormente uma especialização dos pontos e os conteúdos que podem ser abordados durante sua visita, sobre a presença de visita monitorada e quais serão suas contribuições para os objetivos gerais do Trabalho de Campo dentro do Estudo do Meio. Ainda anexadas estarão as questões que serão responsáveis por instigar e provocar os estudantes a atender o propósito do trabalho, todos estes arquivos encontram-se no apêndice.

Figura 27 - Mapa do Roteiro Turístico



Elaboração: Julia Rangel, 2017.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro das concepções geográficas, existem uma série de conceitos que podem ser discutidos e exemplificados usando como base este trabalho, mas talvez, para dar início a conclusão do mesmo, poderíamos destacar a existência do Lugar e do que ele representa dentro das concepções geográficas e da proposta desta pesquisa. Perceber, integrar, possuir e interpretar o lugar é que faz com que ele se torne vivido pelo ser humano, apropriar-se de suas ofertas é que nos faz pertencente e reconhecedor de um lugar como nosso, aumentando assim nossa capacidade de vincular-se com ele. As dinâmicas atuais do sistema ao qual nos inserimos nos distanciam destes lugares nossos, tornando-os meramente caminhos até uma outra finalidade, sem senti-los geograficamente ou profundamente diante de suas histórias.

O trabalho de campo proposto e o seu caderno buscam ir além do andar pelo centro de São Paulo, mas sim de se consumir dele, diante de suas paisagens e simbologias, demonstrando a relação afetiva que estes espaços possuem com a cidade e seu desenvolvimento, sendo capaz de proporcionar a identificação das realidades embutidas e correlacioná-las, compreendendo toda a dinâmica e sintonia que os espaços e a sociedade possuem.

Unida a proposta metodológica do Estudo do Meio, a aproximação do aluno com a realidade, além de instigar nele toda a simbologia agregada, fará com que ele compreenda as ações que designaram aquela estrutura ou aquele momento destacado, será esta mesma proposta que levará o estudante a entender que o espaço não está inerte a influências econômicas, políticas e sociais, e que seu papel é de sujeito formador dentro deste mesmo cenário, desenvolvendo sua capacidade de refletir e questionar-se.

No recorte geográfico abordado, foram incluídos pontos de relevância para a formação e consolidação da cidade como o Pátio do Collégio e o Mosteiro São Bento, que ainda com a Catedral da Sé nos demonstram a influência que a religiosidade tinha dentro das colônias portuguesas, e como foram determinantes na formação territorial de muitos delas. Abrangemos ainda em nosso estudo o Solar da Marquesa de Santos e o Beco do Pinto e o Teatro Municipal, que estiveram no cenário da elite paulista e de consolidação da cidade, econômica e politicamente. Estes espaços buscam atrair um olhar diferenciado para pontos que são apáticos diante de algumas circunstâncias, mostrando ainda que mesmo que em um determinado momento histórico aquele

espaço não fosse de sua apropriação, hoje ele é público e possui aprendizados que podem nos auxiliar em nosso processo educativo, pedagógico ou de existência, remodelando o papel da escola, saindo das conformidades e tradições que hoje a dominam para uma política aberta e de construção humana, não voltada para um ensino regrado de manipulação e mão de obra barata.

Atendendo ao objetivo específico de ressignificação do olhar do aluno, busca que este passe a compreender a identidade dos territórios e não apenas sua apropriação turística, mas sim toda a representatividade histórica e geográfica, satisfazendo não apenas ao fim pedagógico mas a sua concepção de participante deste.

As potencialidades de cada espaço estão apresentadas na construção cultural que cada um irá possuir, sendo amplas as problemáticas abordadas, apresentando aqui, apenas uma proposta de uma pequena parcela que pode ser desenvolvida conforme interesse e necessidade do professor e da turma, sendo assim instrumento de destaque para a metodologia que apresenta uma nova maneira de ensinar e atrair a atenção dos alunos, retirando-os das salas de aula e os apresentando ao mundo.

Buscamos desfragmentar o conteúdo escolar através da interdisciplinaridade, romper os preconceitos com a Geografia como ciência, além de promover uma integração maior e reformular as noções de hierarquia dentro da relação professor-aluno, quebrando com o eu falo e vocês escutam, para a construção coletiva do conhecimento, valorizando a pesquisa e as indagações, o agrupamento de várias disciplinas aumenta a capacidade contemplativa do processo do trabalho de campo.

Dentro das instituições de ensino, o estudo do meio e o trabalho de campo são recursos para consolidação do conhecimento, demonstrando empiricamente todos os processos que são lidos e estudados nos livros didáticos, mostrando que não a necessidade de se debruçar apenas aos exemplos que estes trazem, muitas vezes distantes demais das concepções dos alunos, mas sim do exemplo que pode ser enxergado através da janela, fora das instituições, o estudo do meio impulsiona os alunos a reconhecer seus espaços, entender suas finalidades e seus direitos, ajuda a proteger nossa história e nossos patrimônios, ajuda alcançar o sentimento nacional e o pertencimento a esta sociedade, defende nossas raízes e nossas tradições, respeita nosso povo e nossas memórias, de acordo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007,p. 183):

A memória de um povo não está somente fechada em um museu; também está à volta dos indivíduos que o compõe, onde há sinais que explicam o jeito de ser e a cultura desse povo.

Devemos praticar nosso olhar ao externo dos nossos livros didáticos de história e geografia, aproximar nossa realidade e a realidade de nossas cidades e nossos indivíduos para nos compreender como sociedade e nação, devemos nos aproveitar dos instrumentos que possuímos durante a fase escolar para instigar em nossos alunos a se reconhecer e reconhecer seus espaços e suas apropriações, transformando nossas novas práticas de ensino em um escape ao tradicionalismo e ao domínio ao qual a educação vem se estruturando, consolidando o ser ativo, social e cultural.

Não se deve esquecer que o processo metodológico do estudo do meio e trabalho de campo se desenvolve através de um conjunto de fatores que irão efetivar seus resultados. A intenção do trabalho era demonstrar como espaços turísticos podem ser apropriados a esta prática de ensino, mas não se deve esquecer que o levantamento anterior ao trabalho de campo e a problematização posterior, usando como base as análises e considerações do aluno é que vai garantir a resignificação do espaço e toda a bagagem escolar e humana que buscamos alcançar através do mesmo. Assim também deve-se reconhecer que a este trabalho buscou-se discutir as bibliografias referentes a esta prática, buscando compreendê-la e utilizá-la na geração do roteiro e do caderno de campo, mas que se encontra aberta para as ocorrências que podem acontecer durante o trabalho de campo bem como as indagações dos estudantes, suas necessidades e o objetivo de cada professor.

Embora neste momento não se tenha realizado a aplicação do Caderno de Campo para que a compreensão de seus resultados e finalidades fossem analisados efetivamente, não será descartado a continuidade do mesmo. Destacar todos os empecilhos e complicações diante do sistema de ensino e da aplicação do estudo do meio sem buscar comprovar a efetividade das propostas para renovação e auxílio deste processo não está nos planos, embora apresentemos nesta monografia resultados parciais pautados em referenciais teóricos, a efetividade do caderno, seu reflexos e resultados ainda serão computados e irão compreender mais uma etapa diante da luta pela valorização da educação e das remodelação das práticas educacionais, atingindo o papel social da escola, formando o cidadão crítico e questionador.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, M. E. **O estandarte glorioso da cidade:** Teatro Municipal de São Paulo (1911-1938). 2004. 320 f. Tese (Doutorado IFCH), Universidade de Campinas, 2004.

BONFIM, M. **Por uma pedagogia diferenciada:** uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. *Turismo: Visão e Ação*, v. 12, n. 1, p. 114-129, 2010.

BOTELHO, I. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo:** um desafio para a gestão pública. *Espaço e Debates*, p. 43-44, 2003.

BRANDÃO, C. A. **Busca da Utopia do Planejamento Regional.** *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n.120, p.11-31, jan./jun. 2011.

CARUCCIO, M. I. V. B. **O edifício Martinelli em Avalovara, de Osman Lins.** *Eutomia*, v. 1, n. 13, p. 244-260, 2014.

CAMPOS, B.M. **Geografia e o estudo do meio:** uma metodologia interdisciplinar para além da sala de aula. 2016. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Ourinhos: Universidade Estadual Paulista, Curso de Geografia, 2012.

COLTRINARI, L. **A pesquisa acadêmica, a pesquisa didática e a formação do professor de Geografia.** In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 115-118.

CONTI, J. B. **Contos de Campo.** In: VENTURI, L. A. B. (Org.). *Geografia: Práticas de Campo, Laboratório e Sala de Aula*. São Paulo: Editora Sarandi, 2011. p. 519-528.

COZZA, M. M. R. e SANTOS, O. R. de A. **Geografia: Estudo do Meio.** Projeto Araribá. Editora Moderna, 2004.

CRUZ, R.. **Introdução à Geografia do Turismo.** São Paulo: Roca, 2003.

CRUZ R.. **Geografia do Turismo:** de Lugares a Pseudo-Lugares. São Paulo: Roca, 2007.

DA ANUNCIAÇÃO ALVES, G. **O papel do patrimônio nas políticas de revalorização do espaço urbano.** *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 12, 2008.

DOS SANTOS, M. E. M. **A Catedral Metropolitana de São Paulo por Maximilian Emil Hehl (1891-1916):** História, arte e ecletismo na arquitetura sacra paulistana. *Revista de Teologia*, v. 8, n. 13, p. 4-15, 2014.

EMURB. Empresa Municipal de Urbanização. **Relatório da diretoria:** maio 1975 a junho 1979. São Paulo: Emurb, 1979.

FERREIRA, R. **A nova praça da Sé de São Paulo e suas esculturas**. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2006.

FIORI, S.; **Mapa São Paulo Turismo**; 2007.

FIORI, S. **Mapas para o turismo e a interatividade-proposta teórica e prática**. 310 f. 2007. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH/USP.

FONSECA FILHO, A. S. **Educação e turismo**: Reflexões para elaboração de uma Educação Turística. Revista brasileira de pesquisa em turismo, v. 1, n. 1, p. 5-33, 2007.

FONSECA FILHO, A.S. **Educação turística**: formação contínua de professores da educação básica para o ensino do turismo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

FORTUNATO, I. **Historicidade e geograficidade do Pateo do Collegio, coração do centro histórico de São Paulo**. Revista Coletânea, v. 14, n. 27, 2016.

FORTUNATO, I. **O Largo Pateo do Collegio e o súbito encanto com o lugar**. Caderno de Geografia, v. 27, n. 48, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 33 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2006.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a Geografia Crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-232.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LEMOS, C. **Arte e Arquitetura**- A Casa da Marquesa de Santos em São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 4, p. 7-14, 1968.

LIMA, S. F. de. **Pátio do colégio, largo do palácio**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 6, n. 1, p. 61-82, 1999.

MORANDI, S. **Espaço e Turismo**: Uma proposta de Geografia para o pós-médio. In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. p. 69-76.

MUMFORD, L. **A cidade na história**. Trad. Neil R. Silva. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1965.

NOBRE, E. A. C. **Políticas Urbanas para o Centro de São Paulo**: renovação ou reabilitação? Avaliação das propostas da Prefeitura do Município de São Paulo de

1970 a 2004. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 25, p. 214-231, 2009.

NOGUEIRA, E. J.; SOARES, M. L. de A. **Desafios educacionais na modernidade líquida: cotidiano, medo e indisciplina.** Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 12, n. 27, p. 125-152, 2014.

OLIVEIRA, N. **O ensino/aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino.** In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. P.217-220.

PONTUSCHKA, N. N. **Fundamentos para um projeto interdisciplinar: Supletivo profissionalizante.** In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. P. 187-194.

PONTUSCHKA, N. N., PAGANELLI, T. I. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. **A escola como laboratório vivo.** In: VENTURI, L. A. B. (Org.). São Paulo: Editora Sarandi, 2011. P. 333-354.

RIGAL, A. **A escola crítica-democrática-uma matéria pendente no limiar do século XXI.** In: Ibernón, F. (org.). *A Educação no século XXI*, Porto Alegre: Artmed, 2000.

SÃO PAULO, **Currículo do Estado de São Paulo para Geografia**, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Ed. 2. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, J. L. B. **O que esta acontecendo com o ensino de Geografia? Primeiras Impressões.** In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. P. 313-322.

VENTURI, M. A. **A redação do Trabalho de Campo** In: VENTURI, L. A. B. (Org.). Geografia: Práticas de Campo, Laboratório e Sala de Aula. São Paulo: Editora Sarandi, 2011. p. 483-494.

VENTURI, L. A. B. **A técnica e a observação na pesquisa.** In: VENTURI, L. A. B. (Org.). Geografia: Práticas de Campo, Laboratório e Sala de Aula. São Paulo: Editora Sarandi, 2011. p. 11-28.

XAVIER, H. **A incorporação da dimensão do turismo no ensino de Geografia.** In: PONTUSCHKA, N. N.; DE OLIVEIRA, A. U. (Org.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. P. 59-68.

Solar da Marquesa de Santos, Museologia e acervo. Disponível em: <<http://www.museudacidade.sp.gov.br/>>. Acesso em 05 de out. 2017 às 16:50.

Cidade de São Paulo, Guia de Viagem. Disponível em: <<http://www.cidadedesao paulo.com>>. Acesso em 05 de out. 2017 às 18:01.

Theatro Municipal, História. Disponível em: <<http://theatromunicipal.org.br/espaco/theatro-municipal/#historia>>. Acesso em 06 de out. 2017 às 11:27.

Prédio Martinelli, História. Disponível em: <<http://www.prediomartinelli.com.br/historia.php>>. Acesso em 27 de set. 2017 às 15:24.

Mosteiro de São Bento, Visita Virtual. Disponível em: <<http://mosteiro.org.br/visita-virtual/>>. Acesso em 06 de set. 2017 às 16:55.

8. APÊNDICE



CADERNO DE CAMPO

CENTRO HISTÓRICO DE SÃO PAULO

LOCALIZAÇÃO DO ROTEIRO

ROTEIRO TURÍSTICO PEDAGÓGICO LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS



- Legenda**
- 1. Theatro Municipal
 - 2. Edifício Martinelli
 - 3. Mosteiro de São Bento
 - 4. Pátio do Colégio
 - 5. Solar da Marquesa de Santos
 - 6. Catedral da Sé
 - Malha Urbana
 - República/Sé

1:15.000

Fonte: IBGE, 2015.
Organização: RANGEL, 2017.

- Preste atenção nas explicações que serão dadas durante as visitas;
- Não se distancie do professor, além das interferências que serão realizadas durante todo o percurso, São Paulo é uma cidade grande e requer atenção;
- Fotografe tudo que lhe chame atenção. As fotografias serão utilizadas em discussões posteriores;

PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

1) O processo de urbanização e higienização da cidade veio agregada a elite que se instalava e queria uma ressignificação dos espaços urbanos, gerando uma série de desapropriações para garantir a nova configuração com base nas cidades europeias.

a) A segregação socioespacial que se mantém hoje em São Paulo teve relação com esse processo de urbanização?

b) Pode-se concluir que o processo de urbanização é destinado a apenas algumas partes da cidade? Porque?



PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

2) Qual a importância da construção do Teatro Municipal para São Paulo?

3) As duas fotografias abaixo mostram o entorno do Teatro Municipal no final do Século XX. Tire uma foto da configuração espacial atual e compare. O que mudou? Porque mudou?



Theatro Municipal na 2ª década do século XX;
Disponível em:
www.historiadesaopaulo.wordpress.com



Antiga São Paulo entre 1902 e 1927. Fotógrafo:
Guilherme Gaensly.



PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

COLE AQUI SUA FOTO



PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

4) O Teatro Municipal foi palco da Semana de Arte Moderna de 1922. Responda:

a) Qual foi a importância da Semana para a arte nacional?

b) A Semana de Arte Moderna dialogava com as vontades da elite paulista?

6) Sobre o ciclo cafeeiro na cidade de São Paulo, responda:

a) Qual foi a importância do Ciclo Cafeeiro para São Paulo?

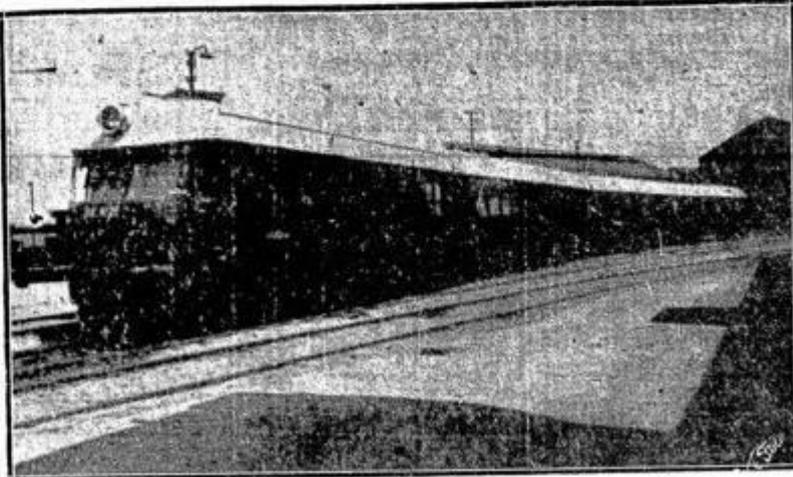


PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

b) Qual era o papel da cidade nesta economia?

7) A estrada de ferro foi muito importante no ciclo cafeeiro, para o transporte do café até os portos para exportação, após alguns anos eles começaram a servir também ao transporte de pessoas. A imagem na página seguinte trás o anúncio de novas máquinas para o serviço em um jornal da época.

SÃO PAULO RAILWAY



“ESTRELA” — um dos dois novos trens Diesel — Eletrico da São Paulo Railway, atualmente nas Oficinas — Lapa

“Estrela” e “Planeta” vão correr, oportunamente, no serviço Santos-São Paulo, onde até agora o “Cometa” é o preferido do Publico

Propaganda da automotriz Estrela da SPR em 1939: de São Paulo a Santos para concorrer com os ônibus (Folha de S. Paulo, 24/9/1939)



PONTO 1 – THEATRO MUNICIPAL

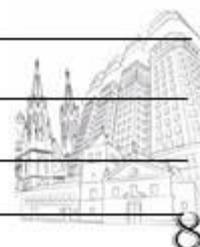
a) A instalação da ferrovia na cidade teve alguma influência em sua formação?

PONTO 2 – EDIFÍCIO MARTINELLI

8) Observe o prédio e as pessoas que se apropriam dele e responda:

a) Que tipo de pessoas circula por esses ambientes?

b) Qual a funcionalidade do edifício atualmente?



PONTO 2 – EDIFÍCIO MARTINELLI

c) O acesso é livre?

9) Abaixo temos um anúncio de aluguel para salas no Edifício Martinelli. Durante muitos anos, além de comércio, ele foi usado para moradia.

a) Quais fatores contribuíram para que o Martinelli se tornar de interesse residencial?



**EDIFÍCIO AMÉRICA
ANTIGO MARTINELLI**

Em via de grandes melhoramentos
A MENOS DE 200 METROS DE 20
GRANDES BANCOS

Só para fins comerciais ou profissionais.
Vendem-se grupos pequenos, médios e grandes. Entrada módica e prestações iguais ao aluguel

(de acordo com os últimos arbitramentos da Prefeitura no edifício.)

Incorporador, vendedor e administrador
MILTON FERREIRA DE CARVALHO
N. 25.º ANDAR, SALA 2302 - TELEFONE: 9-8544

Fonte: Acervo Jornal Estadão



PONTO 3 – MOSTEIRO DE SÃO BENTO

10) A construção atual do Mosteiro São Bento foi realizada em 1910, a partir desta informação discuta a importância do café nas mudanças urbanas centrais.

11) Imagine como era a paisagem do local quando este ainda era da aldeia do cacique tibirixa. Observe a imagem abaixo e o seu entorno, nestes três momentos, destaque o que mais lhe chamou atenção.



Fonte: Coleção Folha de São Paulo Antiga, 1920.



PONTO 3 – MOSTEIRO DE SÃO BENTO

12) Além da Igreja do Mosteiro, ainda visitaremos outras duas. Quais são os fatos que exemplificam a influência da colonização portuguesa na religião predominante no país?



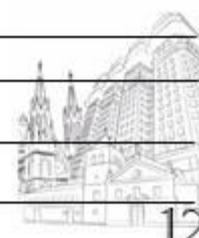
PONTO 4 – PÁTIO DO COLLÉGIO

13) Observando a maquete e o que pode observar da configuração espacial da cidade responda:

a) Quais características do relevo são mais marcantes para você?

b) Consegue percebê-las na paisagem atual? O que mudou?

14) Note que as rosas dos ventos presentes nas representações cartográficas da sala de maquete, apresentam-se direcionadas diferente do usual que vemos em sala de aula. Você sabe porque? Explique.

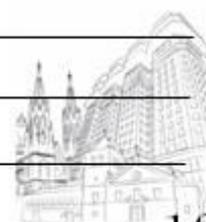


PONTO 4 – PÁTIO DO COLÉGIO

15) Através de análises das representações cartográficas e com o que vem observando em campo, escreva aquilo que mais chamou sua atenção na espacialização das construções pela cidade.

16) O processo de verticalização da cidade é muito perceptível nas representações cartográficas no Museu Anchieta. A que se deve este processo?

17) Qual foi a importância das Bandeiras para o país?



PONTO 4 – PÁTEO DO COLLÉGIO

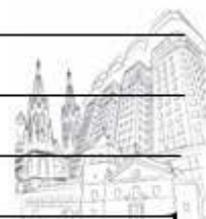
18) Encontre um morador da cidade de São Paulo e faça o que se pede:

a) Procure saber qual a representatividade daquele espaço para ele.

b) Pergunte se ele conhece a história e a importância do mesmo para a fundação da cidade.

c) Qual a relação daquele espaço com o seu cotidiano?

d) Após a entrevista conclua: Qual a representatividade cultural e afinidade da população local com o Pátio do Collégio?



PONTO 5- SOLAR DA MARQUESA

19) Levando em consideração o papel do Rio Anhangabaú no período colonial, responda:

a) Porque o rio era bem menos poluído sendo que já era usado para funções sanitárias?

b) Quais os adventos da modernidade contribuíram para este processo de deterioração?

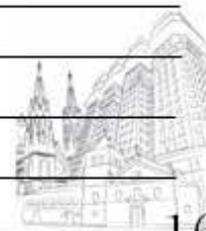


PONTO 5- SOLAR DA MARQUESA

20) O Solar da Marquesa já foi utilizado para diferentes atividades.
a) Você consegue notar na paisagem outras construções que parecem mais antigas mas que desempenham uma função diferente da original? Tire uma foto da qual mais tenha se destacado pra você.

COLE AQUI SUA
FOTO

b) Você é a favor da utilização dessas construções ou acha que elas deveriam ser demolidas e ocupadas por imóveis mais recentes?



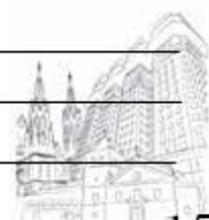
PONTO 5- SOLAR DA MARQUESA

21) As paredes do Solar são feitas de pau a pique, uma mistura de barro e bambu, ou dependendo da época, madeira. As construções de concreto e ferro vieram depois, com as Revoluções Industriais.

a) Quais diferenças você pode notar?

b) Quais são as alterações promovidas pela indústria moderna?

c) Existe relação entre industrialização e desenvolvimento econômico?



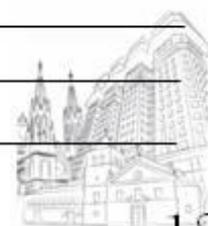
PONTO 6- CATEDRAL DA SÉ

22) A construção da Catedral da Sé se deu em um período que se havia a necessidade da consolidação de sentimento nacional. Observe as representações presentes nas pedras da construção da Catedral da Sé e responda:

a) Assinale abaixo quais referências ao desenvolvimento econômico de São Paulo e do Brasil podemos encontrar na Catedral.



b) Através dos conteúdos discutidos em sala, você consegue perceber os momentos e dinâmicas a quais eles estiveram inseridos? Identifique-os.



PONTO 6 – CATEDRAL DA SÉ

23) Os vitrais da Catedral representam, além de pontos bíblicos, momentos importantes para a história do país.

a) Você considera todos os episódios ali marcados importantes para o Brasil?

b) Com base em seus conhecimentos históricos e geográficos, faça um desenho de um episódio que você considere importante para a história do país.



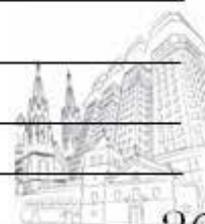
PONTO 6 – CATEDRAL DA SÉ

24) A importância do Índio Tibiriça e como ele é representado na construção da Catedral pode nos ajudar na discussão sobre a diversidade étnica e cultural no Brasil e como nos relacionamos com nossas raízes?

25) Levando em conta a localização da Catedral Metropolitana de São Paulo responda:

a) Quais foram as relações da construção da Catedral e a formação espacial que se deu em São Paulo?

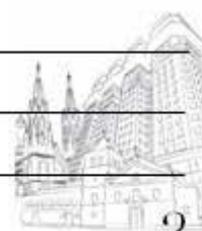
b) As instituições religiosas ainda possuem influência na organização espacial das cidades?



PONTO DA SUA ESCOLHA:

26) A partir das fotografias que tirou e dos pontos que mais lhe chamaram atenção, escolha um e discuta: O que a cidade expressa através de suas paisagens?

COLE AQUI SUA FOTO



PARA CONCLUIR:

a) Você já conhecia estes espaços? Se sim, qual era sua relação com eles?

b) Você se sente atuante na construção sócioespacial da sua cidade?

c) Você conseguiu reconhecer os aspectos histórico e simbologia destes pontos?



PARA CONCLUIR:

d) Quais as relações existentes entre os espaços que visitamos e como o trabalho de campo ajudou no seu entendimento das disciplinas? Caso não, aponte os erros.

e) A representação abaixo traz a configuração de São Paulo em 1841, busque online uma nova representação da cidade, veja como essa se desenvolveu. Através das observações em campo e os conteúdos em sala de aula, discuta quais foram as alterações mais marcantes sobre a apropriação da cidade pelos espaços ao redor.



Primeira Planta da Imperial Cidade de S. Paulo, pelo Capitão de Engenheiros Rufino J. Felizardo e Costa (1841) e copiada em 1891.
 (Lapidação e inserção das ruas pelo Anon.) (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo — Vol. XVI — 1911).

Fonte: prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico



PARA CONCLUIR:

COLE SUA REPRESENTAÇÃO AQUI



ANEXO I

- 1) A quanto tempo você trabalha dentro da educação básica?
- 2) Qual matéria leciona?
- 3) Você conhece a prática do Estudo do Meio e Trabalho de Campo?
- 4) Você já fez uso alguma vez desta metodologia e ensino?
- 5) Se sim, conte-nos sua experiência.
- 6) Como os estudantes reagiram a prática?
- 7) Você acredita que teve diferença no processo de aprendizagem deles?
- 8) Quais foram as maiores dificuldades encontradas durante o preparo?
- 9) Foi uma ação interdisciplinar? Quais matérias se envolveram?
- 10) Você acredita que a cidade de São Paulo apresenta um potencial para esta prática?
- 11) Quais os pontos de São Paulo você levaria seus alunos? Porque?
- 12) Você acha que um roteiro para trabalho de campo no Centro Histórico de São Paulo seria agregador?
- 13) O que você abordaria nesta região?

ANEXO II



**MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO
AGENDAMENTO DE VISITA EDUCATIVA**

Por favor, preencher este documento até uma semana antes da visita e enviar para o e-mail educativomuseudacidade@gmail.com

A visita ao Solar da Marquesa de Santos está marcada para o dia XXXXX, às XXH

I. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

() Privada () Pública

Nome completo da instituição:

Endereço:

Cidade/UF:

E-mail:

Telefone:

Responsável pelo grupo:

Telefone do responsável:

II. IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO

Número de visitantes:

Faixa etária

Escolaridade:

Existe alguma pessoa com deficiência no grupo? () Não () Sim. Qual?

III. VISITA

É a primeira visita a este equipamento? () Sim () Não

É a primeira visita ao Museu da Cidade? () Sim () Não

O grupo já visitou outros museus? () Sim () Não

Temas/assuntos que motivam a visita:

O conteúdo foi / será trabalhado pelo grupo fora do Museu? Como?

ATENÇÃO! Pedimos que a/o responsável leia as orientações para visita ao Museu da Cidade de São Paulo encaminhadas por e-mail.

LEGENDA GERAL

Rua, Avenida
Calçada
Ponte, Viaduto
Túnel

Ferrovia
Rio
Praça
Área Verde

PONTES E VIADUTOS

P1 Elevado Pres. Arthur de Costa e Silva (Minhocão) B6
P2 Ponte do Rio Tamandua B1
P3 Viaduto Antônio Nakashima B2
P4 Viaduto Boa Vista B2
P5 Viaduto Cidade de Osaka A3
P6 Viaduto Diário Popular A4
P7 Vi. Guilherme de Almeida A4
P8 Viaduto do Chá A5
P9 Viaduto do Glicério A5
P10 Viaduto Dona Paulina A6
P11 Vi. Dr. Eusebio Stevaux B7
P12 Vd. Júlio de Mesquita Filho B7
P13 Vd. Dr. Manuel José Chaves B7
P14 Vd. Eng. Orlando Murgel G2
P15 Vd. Eng. Romero Zander G2
P16 Viaduto Nove de Julho G2
P17 Viaduto Major Quedinho H2
P18 Viaduto Martinho Prado I3
P19 Viaduto Mercúrio I4
P20 Viaduto Mie Ken G2
P21 Viaduto Santa Efigênia H2
P22 Viaduto Shuhel Uetsuka I3
P23 Viaduto 31 de Março I4

TELEFONES ÚTEIS DDD (11)

BOMBEIROS Tel.: 193
POLÍCIA MILITAR Tel.: 190
PRONTO SOCORRO Tel.: 192
POLÍCIA CIVIL Tel.: 147
CORREIOS (ACHADOS E PERDIDOS) Tel.: 159
FARMÁCIAS DE PLANTÃO Tel.: 136
EMERGÊNCIA DE TRÂNSITO Tel.: 194
INFORMAÇÕES DDI Tel.: 000333
DEFESA DO CONSUMIDOR Tel.: 1512
INF. SOBRE ASSINANTES (LISTA TELEFÔNICA) Tel.: 0800-310-102

CENTRAL DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA
D3
Av. São João, 473. Diariamente das 9h às 18h.

POLÍCIA **CORREIO**

ACOMODADO

HOTEL
1 Hotel Westerm São Paulo Hotel C3
2 Hotel Jaraguá E2
3 São Paulo C2

ALBERGUE DA JUVENTUDE
C2

TERMINAL DE ÔNIBUS
7 Bandeira E2
8 Princesa Isabel B2
9 Parque D. Pedro II E4

FERROVIA **METRÔ**
Estação de Trem Estação de Metrô

TAXI
É fácil encontrar táxis em São Paulo. O preço a ser pago está indicado no painel em vermelho. Há três categorias: comum, especial e rádio táxi.
COOPERTAXI - tel.: 6041-2555
LIGUE TAXI - tel.: 3866-3030
ESPECIAL RÁDIO-TÁXI - tel.: 3146-4000

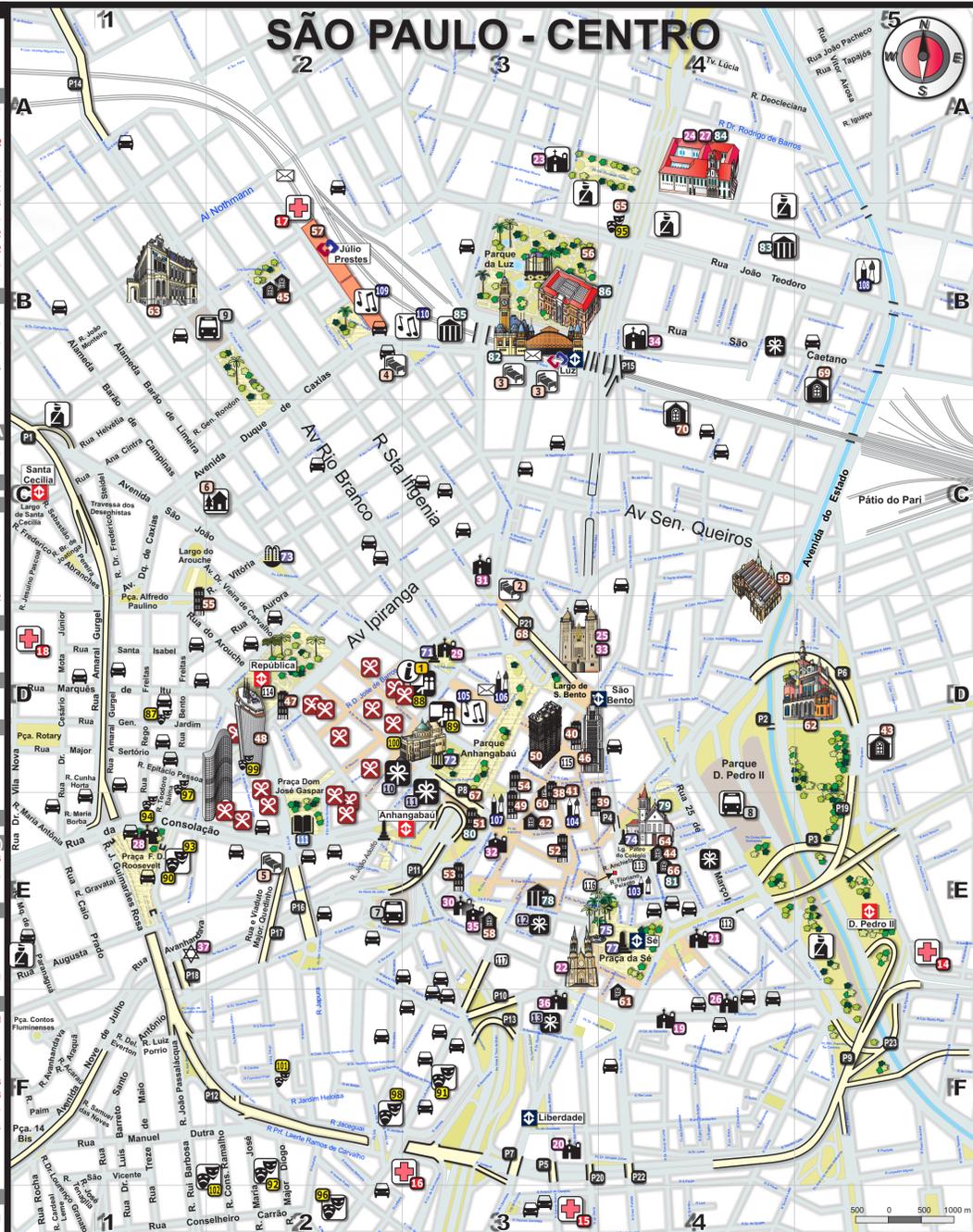
ESTACIONAMENTO

COMPRAS (ruas de comércio tradicional)
10 Extra Mappin G3
11 Shopping Light G3
12 Casas das Arcadas-Sebo G3
13 Livraria Pensamento G3

HOSPITAL
14 Casa de Saúde Dom Pedro II / Hospital Prof. Zeferino Vaz D2
15 Hosp. Bandeirantes F3
16 Hosp. Pérola Byington F3
17 Posto Médico Campos Elísios B2
18 Santa Casa de Misericórdia / Hosp. Santa Isabel D1

IGREJA
19 Capela de Sta. Luzia F4
20 Capela dos Afritos F3
21 Carmo E4
22 Catedral da Sé / Cripta E3
23 Dom Bosco A3
24 Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz A4
25 N. Sra. da Boa Morte F6
26 N. Sra. da Luz A4
27 N. Sra. da Consolação E1
28 N. Sra. do Rosário dos Homens Pretos - Patisandú D3
29 Ordem Terceira de São Francisco E3
30 Santa Ifigênia C3
31 Santo Antônio E3
32 São Bento D3
33 de São Bento D3
34 N. Sra. da Boa Morte F6
35 São Francisco de Assis E3
36 São Gonçalo F3

SINAGOGA
37 Beth El E1



CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

38 Antigo Banco Italo-Belga E3
39 Antigo Banco Português do Brasil E3
40 Bolsa de Mercadorias e Futuros - BMF D3
41 Casa Fretin E3
42 Casa das Retortas D5
43 Casa n°1 - Arquivo Histórico Municipal E4
44 Conjunto de Casas do Largo Coração de Jesus B2
45 Edifício Altino Arantes - Sede do Banespa D3
46 Edifício Esther D2
47 Edifício Itália - Terraço - Vista Panorâmica D2
48 Edifício Lutécia E3
49 Edifício Martinelli D3
50 Edifício Matarazzo E3
51 Edifício "Ouro para o Bem de São Paulo" E3
52 Edifício Saldanha Marinho E3
53 Edifício Sampaio Moreira D3
54 Edifício Santa Elisa D2
55 Estação e Jardim da Luz B3
56 Estação Júlio Prestes B2
57 Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo E3
58 Mercado Municipal C4
59 Palacete Crespi D3
60 Palácio da Justiça F4
61 Palácio das Indústrias D5
62 Palácio dos Campos Elísios - Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia B1
63 Pátio do Colégio E4
64 Solar da Marquesa de Santos E4
65 Viaduto do Chá E3
66 Vd. Santa Ifigênia D3
67 Vila Economizadora B5
68 Vila Inglesa C4

MONUMENTOS E FONTES

71 Escultura "Mãe Preta" D3
72 Fonte dos Desejos D3
73 Fonte Monumental C2
74 Glória Imortal aos Fundadores de SP E4
75 Jardim das Esculturas E4
76 Largo da Memória E2
77 Marco Zero - Praça da Sé E4

MUSEUS

78 Instituto Histórico e Geográfico / Museu José Bonifácio E3
79 Museu Anchieta E4
80 Museu Banespa E3
81 Museu da Cidade E4
82 Museu da Língua Brasileira B3
83 Museu da Polícia Militar B4
84 Museu de Arte Sacra A4
85 Museu do Imaginário do Povo Brasileiro B3
86 Pinacoteca do Estado B3

TEATRO E CINEMA

87 Aliança Francesa D1
88 Cine Alvorada (Antigo Cine Art Palácio) D3
89 Cine Marrocos D3
90 Cine Teatro Recriarte Bijou E1
91 Teatro Abril F3
92 Teatro Brasileiro de Comédia - TBC F2
93 Teatro Cultura Artística E1
94 Teatro de Arena Eugênio Kusnet E1
95 Teatro Franco Zampari B4
96 Teatro Jardel Filho F2
97 Teatro Hilton E1
98 Teatro Imprensa F2
99 Teatro Itália D2
100 Teatro Municipal D3
101 Teatro Pirandello F2
102 Teatro Sérgio Cardoso F1

SALA DE CONCERTO / ESPAÇO CULTURAL E ARTÍSTICO

103 Caixa Cultural E4
104 Centro Cultural Banco do Brasil E3
105 Conservatório Dramático e Musical de São Paulo D3
106 Edifício dos Correios D3
107 Galeria Prestes Maia E4
108 MASP/CENTRO E3
109 Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo B5
110 Sala São Paulo B2
111 Secretaria da Cultura - Universidade Livre de Música B3

BIBLIOTECA

112 Biblioteca Municipal Mário de Andrade E2

ÓRGÃOS PÚBLICOS

113 Secretaria da Fazenda Poupa Tempo Alfredo Issa E4
114 Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania E4
115 Secretaria de Estado dos Esportes e Turismo D3
116 Secretaria Municipal de Negócios Jurídicos E4
117 Ministério Público E3

São Paulo turismo

Mapa base da cidade de São Paulo fornecido pela SEMPLA/Concepção: Gerência de Promoção e Planejamento Turístico São Paulo Turismo S/A - Av. Olavo Fontoura, 1209 Parque Anhembi - SP - CEP: 02012-021
Tel.: (11) 6226-0400 / Criação e Ilustrações: Fiori Mapas Ilustrados Ltda - sergiofiori@uol.com.br / Ano: 2007
Distribuição gratuita/Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia. Todos os direitos reservados.
Visite: www.cidadedesapaulo.com